



CADERNOS DE EDUCAÇÃO
POPULAR **5**

**Movimento
dos
trabalhadores:
UM DEBATE**

CADERNOS DE EDUCAÇÃO POPULAR 5

**MOVIMENTO
DOS TRABALHADORES:
UM DEBATE**



Petrópolis
em co-edição com
NOVA — Pesquisa, Assessoramento
e Avaliação em Educação
1983

© 1983, NOVA — Pesquisa, Assessoramento e Avaliação em Educação
Rua Barão do Flamengo, 22/803
Rio de Janeiro, RJ
Brasil

Direitos de publicação:
Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís, 100
25600 Petrópolis, RJ
Brasil

Diagramação
Valdecir Mello

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO, 7

I. O QUE ESTÁ SENDO O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES?, 9

1. Algumas manifestações, 9
2. A situação hoje está mais violenta, 21

II. PARA ONDE LEVA TUDO ISSO?, 24

1. Uma invenção que não significa tirar do nada, 24
2. A gente tem que batalhar muito mais, 31
3. A classe trabalhadora não está imunizada, 35

III. A LUTA É QUEBRANDO A CARA E EMENDANDO TODO O TEMPO, 38

1. Quando eu acordei, estava lá na frente, 38
2. O sentimento da gente não conta?, 42
3. A organização é para criar liberdade, 43
4. Um determinado tipo de organização: sindicato, 49
5. Que todos venham a falar da sua sabedoria, 54
6. Como quebrar o isolamento?, 59

APRESENTAÇÃO

Este texto que compõe o Cadernos de Educação Popular — 5 resultou de um debate gravado nos dias 19 e 20/2/83, entre trabalhadores do Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo. Suas profissões são diversas: operário metalúrgico, trabalhador rural (parceiro), empregado de escritório, atendente de enfermagem, técnico, desempregado (metalúrgico).

A iniciativa de convidar os trabalhadores e propor o tema para o debate partiu do NOVA, que conhecia a discussão que estava sendo feita sobre o assunto, em diferentes locais, por alguns grupos de trabalhadores.

No momento desse debate, alguns participantes já se conheciam, outros se encontraram pela primeira vez. Isso significa que o texto não expressa o resultado sistematizado de uma reflexão já feita e amadurecida por este grupo enquanto tal, e sim um primeiro momento dessa reflexão: os participantes buscam se reconhecer em alguma coisa comum e, em cima disso, vão se interpelando e formulando questões que levem ao aprofundamento de seus próprios pontos de vista. Nem de longe o debate pretendeu esgotar o assunto.

Ao publicar esse texto onde o movimento dos trabalhadores é discutido por trabalhadores, esperamos estar contribuindo para a reflexão dos agentes de educação popular e para a própria continuidade do debate.

I. O QUE ESTÁ SENDO O MOVIMENTO DOS TRABALHADORES?

1. ALGUMAS MANIFESTAÇÕES

Manuel — Para responder a esta pergunta, a dificuldade é que a gente tem modelos na cabeça, tem padrões de um determinado tipo de movimento: são os atos públicos, as grandes mobilizações, o enfrentamento direto, as greves, o movimento sindical, a participação em partidos, as associações de moradores. Muitas pessoas acham que movimento dos trabalhadores são apenas esses fatos acontecendo. E como eles estão acontecendo muito pouco, a gente fica perguntando: não está existindo movimento?

O movimento dos trabalhadores, as formas de luta dos trabalhadores, não são só esses modelos. Existem outras lutas que estão acontecendo mas que a gente fica de uma certa forma surdo e cego para elas, quer dizer, nem ouve nem enxerga porque não estão dentro do modelo que a gente tem na cabeça.

Zé — A gente estava discutindo outro dia: o que é que nós chamamos como movimento do trabalhador? E a gente vê que, de fato, existe essa diferença que você estava colocando: existe este movimento que é conhecido, que é reconhecido como movimento de trabalhadores, e existe todo um movimento que é do conjunto da classe trabalhadora mas que às vezes não assume uma forma assim definida

de se propagar. E mesmo quando acontecem grandes formas de luta, existe este outro tipo de movimento, o dia-a-dia, a vida do trabalhador.

Para mim, é muito importante que a gente aqui comece por recuperar as coisas do dia-a-dia e consiga traduzir isso como movimento de resistência do trabalhador em termos de sobrevivência, em termos de enfrentamento dentro da realidade que está se impondo à gente.

Por exemplo, eu estive no nordeste há pouco tempo e a Tereza tinha acabado de perder uma eleição sindical. E disse que não teve apoio dos colegas de trabalho, que o pessoal corria dela; e estava um pouco abatida por causa disso. Aí eu com o marido dela e outras pessoas fomos levar ela até o trabalho. Quando chegamos lá, uma colega, não sei quem é, tinha batido o cartão de Tereza; e entraram as duas abraçadas. Para mim aquilo representou tudo que ela queria que houvesse na eleição sindical, tudo que ela disse que estava faltando. Inclusive uma pessoa batendo o cartão para outra, no nosso meio é um negócio assim de dar justa causa. Mas é essa solidariedade, essa identidade, essa igualdade que para mim, poxa, estava ali. O que ela perdeu? Perdeu a eleição mas não perdeu aquilo que a gente é de fato no dia-a-dia lá no trabalho. O relacionamento, o companheirismo, o apoio que a gente é para os outros, que os outros são para a gente, acho que continuou e continua.

Então para mim o que fica evidenciado é isso: a gente é alguma coisa em determinados tipos de movimento como campanha de sindicato, por exemplo. Mas basicamente a gente é o companheiro das 10 horas de trabalho. E aí o que importa é o seguinte: como é que os companheiros contam comigo e eu conto com eles?

Vicente — Eu moro na roça. Estou só por uns dias no Rio. Ontem eu estava conversando com um amigo aqui no Rio e ele estava meio preocupado com algumas coisas lá da área que ele visita. Ele dizia: “Menino, não tem mais movimento nenhum, acabou tudo. O pessoal todo está desempregado, não está fazendo mais nada”. Ele estava preocupado.

Aí eu fiquei pensando assim: será que quando a gente está desempregado não tem mais nada para fazer em termos de batalha? Está tudo perdido? Quando você está empregado, está tudo feito porque você está empregado? Eu acho que a vida, o dia-a-dia da vida da gente, é uma luta só, tanto faz a gente estar desempregado como empregado. Enquanto a gente for vivo, é uma luta que não tem fim.

Mas esse meu amigo dizia que o pessoal estava desanimado, não estava fazendo nada. Aí, hoje de manhã eu estava no bairro onde mora esse mesmo pessoal, e vi que estava uma porção de gente lá fazendo uma laje da casa de um deles. De 6 horas da manhã até

11 horas do dia, estavam lá em cima da casa do homem umas 30 pessoas trabalhando e tomando cachaça. Eu não sabia como era aquilo ali, se era para ganhar dinheiro, se não era, eu sei que fiquei lá em cima também. Subi, fiquei só olhando. Aí um cara chegou para mim: “Não vai dar uma mãozinha aqui não?”

Depois foi que eu entendi o negócio, me disseram que aquilo ali é coisa comum que eles fazem: quando tem uma pessoa que quer fazer um trabalho desses, convida um bocado de gente, arruma uma caipirinha, e todo mundo faz. E o pessoal não está fazendo nada?...

O cara que eu dormia na casa dele e que mora nesse bairro, casou agora. Não tinha nada na vida, mora numa casinha bem miudinha, alugada. Mas tem tudo dentro da casa. Aí eu pensei só comigo: o cara não tinha nada e a casa tem guarda-roupa, guarda-louça, geladeira, fogão. Aí ele foi explicar como é que tinha arranjado aquilo: “Rapaz, isso aqui é o seguinte, eu consegui essas coisas porque minha mãe me deu isso aqui, comadre fulana me deu isso, meu pai me deu aquilo, meu irmão me deu isso aqui, fulano de tal arrumou uma ‘vaquinha’ e comprou essa geladeira”. O tanto que no fim das contas, parece que ele não tinha comprado nada com o dinheiro dele.

Então tudo isso, a gente indo analisar, a gente vê que só valoriza as coisas quando está dentro daquele modelo; aí a gente vê como uma luta. Para mim, tudo que a gente faz assim junto no sentido de união, já é uma luta.

Isso que a gente fez lá hoje de manhã, lá na roça onde eu moro não é assim não. Tem outros tipos de ajuda, mas essa de uns ajudar o outro a construir casa não tem. Aqui e ali é que aparece uma pessoazinha para ajudar alguém que está muito em grau de necessidade.

Quer dizer, o pessoal não está parado, não está dividido não; está junto, junto na palestra, brincando, tomando cachaça... E a gente vê que aquilo pode ser até uma luta também. Só que alguém pode achar que isso não é luta, né?

Manoel — A gente tem mesmo formas de luta padronizadas na cabeça. E quando estas formas não estão acontecendo assim a todo vapor, aí dá aquele negócio da gente achar que não está acontecendo nada. Eu acho que isso não é verdade; o movimento de resistência dos trabalhadores é um movimento de todo o dia.

Acho que resistência é a palavra mais certa mesmo para esse tempo de hoje. Eu acho que o movimento dos trabalhadores hoje toma mais esse caráter de resistência por uma comparação que eu vou tentar fazer aqui. Fala-se que na famosa década de 70, o movimento político estava nas catacumbas, tinha o caráter de resistência; era

uma chama de resistência aqui, outra ali, porque o peso da repressão era um negócio muito violento. Mas com toda essa repressão política, para os trabalhadores tinha emprego. Então eu queria fazer aqui um paralelo que está me vindo agora na cabeça: talvez esta palavra resistência está colocada para os trabalhadores hoje, como estava nos idos de 70 colocada para os grupos organizados, para os partidos e coisas desse tipo, diante da repressão do Estado.

De fato, a luta dos trabalhadores é hoje uma luta de resistência. Não é que ela é só de hoje, eu acho que ela é de todo tempo, ela foi em 70, foi sempre. Mas como é que está se dando hoje este caráter, este peso de resistência? Eu estou vivendo uma experiência que me colocou essa questão na cabeça. A fábrica onde eu trabalho tem 2.500 operários e ameaçou despedir 200 de uma vez só. Aí uns 30 trabalhadores que já conversavam mais, já se reuniam mais, começaram a discutir com os outros a possibilidade de fazer uma greve para impedir as demissões. Tudo bem. Mas eu acho que esses 30 estavam desconhecendo que os outros 2.470 companheiros estavam vivendo esse tempo da resistência, quer dizer, das coisas com muito mais cuidado, dos passos sem nenhuma ilusão. É um tempo inclusive onde o primeiro passo é o de acreditar que aquela proposta de greve ia mesmo resolver o problema das demissões... Eu digo isso porque, dentro da fábrica, o pessoal raciocina muito pelos resultados: ele acompanhou e conhece os resultados da greve na Scania, na Caio, na Fiat do Rio... Em São Paulo, isso é um negócio muito forte. Aí quando aqueles 30 falaram: "Vamos parar, vamos resistir às demissões e lutar por estabilidade", os outros companheiros pensavam antes nas experiências das outras fábricas.

Eu não estou dizendo que o pessoal não luta. Ele luta; o pessoal dessa fábrica inclusive discutiu e assumiu a proposta de greve. Mas por causa do risco do desemprego, ele tem o dobro do cuidado; até para escrever no banheiro as coisas que ele quer, tem o dobro do cuidado. O ambiente está muito mais carregado, está tudo menos descontraído. É aquela atitude mesmo de um cara que está numa guerra. Enquanto que talvez alguns de nós chamados de mais experientes em negócio de luta, não temos essa compreensão de que a gente está numa guerra desfavorável para os trabalhadores.

Mas eu queria terminar meu pensamento sobre o sentido da resistência nessa última experiência que a gente viveu na fábrica. O pessoal todo da fábrica discutiu a proposta de greve e se preparou para ela. Mas na hora, a greve não pôde acontecer, os patrões foram esportos e seria um suicídio fazer a greve naquele momento.

Bom, não aconteceu a greve. Mas isso significa que não aconteceu a luta? Para aqueles 30, não aconteceu a luta. Por quê? Porque o padrão de luta da gente era o seguinte: todo mundo no pátio, parado, greve,

microfone na mão, tome discurso, tome uma comissão de fábrica para negociar a questão das demissões, tome comitê de apoio, tome fundo de greve... Isto é, todos esses negócios que realmente são formas de luta que a classe operária utiliza desde que ela existe, e que vai continuar utilizando como instrumento para jogar com a força de trabalho que ela tem e que é o seu poder dentro da fábrica. Mas o problema é esse: como está a fábrica hoje?

Além do mais, há o medo dos diretores; eles mandaram fazer, em caráter de urgência, um portão de barra de 5/8 que parece cadeia, colocando uma separação entre o setor de produção e a diretoria. Há o clima de vigilância ostensivo agora; por exemplo, a gente está sendo seguido pelos funcionários da fábrica que são da segurança até quase o ponto de ônibus, no bar, no banheiro. Os tais de diretores e de funcionários graduados a nível de gerente estão acordando de madrugada e fiscalizando a fábrica; toda manhã tem um par de caras diferentes que percorrem as seções que eles acham "quentes".

Então a greve não aconteceu. Mas não tem ninguém que se refira ao dia em que ela ia acontecer, que não seja: "o dia da greve"; e não tem ninguém que não se refira a "depois da greve e antes da greve". Quer dizer, o que não chegou a acontecer de fato foi "aquela" greve que a gente tem na cabeça. Mas o clima criado na fábrica foi um clima de luta onde o enfrentamento entre trabalhadores e patrões se tornou claro. A dominação dentro da fábrica se evidenciou com toda crueza. E alguma ilusão que por acaso ainda existisse na cabeça de alguns companheiros a respeito da bondade da fábrica, de repente se desfez; dançou todo o esforço dos patrões para conquistar os operários através de festas de fim de ano e outras coisas parecidas.

Do lado dos patrões, a resistência dos trabalhadores obrigou a aumentar a vigilância e a repressão, e o mais duro para eles foi ter que mostrar essa face repressiva. E do lado dos trabalhadores, cresceu a consciência de que a fábrica é aquilo mesmo, de que a hora extra só interessa ao patrão, de um monte de coisas.

E a luta não está parada. Por exemplo, agora não está mais tão fácil conversar com os companheiros dentro do banheiro da fábrica, mas a gente já inventou um outro jeito de poder conversar, mais cuidadoso...

Eu me estendi muito nessa colocação, mas foi para marcar que a luta hoje tem esse caráter de resistência, eu chamo de resistência política mesmo. É a consciência coletiva dos trabalhadores de que a situação mudou, de que a maré não está para peixe.

Uma coisa que eu gostaria então é que a gente, cada um no seu trabalho, no hospital, na fábrica, no serviço público, no campo, pudesse estar atento às múltiplas formas de resistência, de luta, de

enfrentamento com o patrão. Com o patrão que na grande maioria das vezes não se expressa apenas na pessoa do dono da fábrica ou do hospital; se expressa também na hierarquia que existe dentro da empresa, no chefe, no chefinho, na portaria que é baixada. Quer dizer, o poder do patrão não é só o Sr. Fulano dono da empresa.

Muitas vezes a gente fica achando que o operário é atrasado porque não localiza o "seu Fulano". Mas eu acho que ele localiza muito mais do que só o patrão dele, localiza todo um peso que existe em cima dele e que é concreto, é um negócio que está vigiando ele, limitando o espaço dele, botando mil pessoas na porta da fábrica para disputar um lugar com ele, disciplinando o que que ele tem de fazer, como tem de fazer e que hora tem que fazer. Quer dizer, o operário localiza todas essas coisas que a gente chama de opressão. E resiste a elas. É uma resistência individual; por exemplo, é o cara que não se subordina ao ritmo de trabalho, uma coisa que é para fazer em meia hora, ele faz em duas horas. E é também coletiva, é uma briga que vai passando de um para o outro e vai sendo assumida coletivamente.

Zé — Um outro aspecto do movimento dos trabalhadores são certas iniciativas tomadas, aqui e ali, por operários desempregados como eu. Alguns se juntam e começam a desenvolver uma produção artesanal. Outros se dedicam à prestação e troca de serviços no próprio bairro.

Eu mesmo participo de um grupo de profissionais desempregados que estão tentando iniciar alguma produção útil e de baixo custo que venha atender necessidades da classe trabalhadora. E inclusive, na falta de certas ferramentas, a gente já criou umas tecnologias novas... Quer dizer, quem decide o que produzir, como produzir e para quem produzir somos nós mesmos.

João — Eu tenho uma experiência que não é de fábrica, é uma empresa de serviço público. O regime dessa empresa é diferente de uma fábrica. Por exemplo, lá a gente sai a hora que quer, dependendo do chefe. Eu trabalhei numa seção onde bastava avisar o chefe: "Olha, amanhã não posso vir porque tenho um negócio para resolver". Além disso, a gente tem direito a duas horas de atraso no mês. Tem uma série de coisas que é diferente da fábrica. Então a pressão é muito menor em cima de você, dependendo da chefia. E o pessoal percebe que lá fora está muito ruim e que ninguém pode arranjar emprego, sobretudo nas mesmas condições dessa empresa.

Agora, no principal mesmo é uma firma igual a outra qualquer. Por exemplo, a organização do trabalho é toda hierarquizada. Então

tem a seção, aquela seção tem um chefe; às vezes a seção é dividida em várias subseções, em cada subseção tem um chefe. Essas seções pertencem a um departamento que também tem seus chefes e tem o chefe do departamento que por sua vez está ligado a um outro chefe lá da diretoria não sei das quantas. Tem mil diretorias.

E existe uma hierarquia até de seção e de departamento. Por exemplo, o departamento de serviços internos da empresa não é valorizado. Valorizado é o departamento de Engenharia. E isso influi para que alguns funcionários que trabalham com a diretoria desse departamento se tornarem caras metidos a "cagar cheiroso"; às vezes ganham o mesmo salário que a gente ou até menos, mas já se acham mais bem situados...

Então, se a gente vai ver o movimento que existe nessa empresa como sendo assim de grandes lutas, a gente diz: "Não tem nada". Agora, o pessoal está resistindo. Resiste à chefia que está em cima impondo, consegue burlar uma série de normas.

No fim do ano agora, a gente fez uma festa de confraternização. E foi uma festa onde chefe não era para ir e não foi mesmo. Alguns caras que não são chefes mas que têm uma certa relação com o chefe, também não foram convidados.

O pessoal percebe que mudar de seção é uma coisa que não adianta muito para o trabalhador. Nessa firma, quando você não está bem numa seção, pede transferência para outra; consegue um outro cara que não está satisfeito na seção dele, então você troca com ele. Isso é fácil de conseguir. Mas na minha seção, por exemplo, tem três pessoas que já vieram de várias seções; e essa andada de seção em seção deu consciência a eles de que cada seção obedece a um negócio maior. Então não muda muito, o chefe pode ser mais simpático, pode ser melhorzinho no relacionamento, mas o negócio maior é o mesmo.

A gente não tem muita ilusão de que a empresa melhore alguma coisa para o nosso lado.

Não existe um dia lá na seção em que a gente não tenha alguma coisa a comentar que não seja de insatisfação em relação à empresa, em relação até às coisas mais gerais, o custo de vida, a política.

E acontecem também outras coisas que mostram toda uma solidariedade que vai sendo criada entre nós. Por exemplo, tem uma garota lá na seção que não fica um minuto após o expediente. Não adianta o chefe pedir, chorar, gritar, a garota não fica. Um dia, era no fim do expediente, o meu chefe falou para mim: "Olha, você tem que fazer esse negócio aqui, amanhã tem uma reunião e eu tenho que levar esses dados". Eu fiquei puto, pô, no fim do expediente! Mas eu era novo na seção, então me segurei, tudo bem.

O que eu tinha que fazer era um somatório e depois tinha que conferir. Aí quando eu me sentei na máquina e comecei a fazer, essa garota que não fica um minuto depois do expediente se ofereceu para me ajudar. Tudo bem, nós fizemos e no dia seguinte eu entreguei para o cara lá.

E ela depois comentou comigo: “Olha, eu acho que o chefe não entendeu porra nenhuma, porque eu nunca fiquei um minuto aqui depois do expediente e de repente resolvo ficar para te ajudar”. E realmente ele não entendeu e não vai entender. Agora, eu é que senti que era uma demonstração bem concreta de que ela está no mesmo barco comigo, e comigo ela assume algumas coisas que ela não assumiria por exemplo com o chefe.

Aline — No hospital onde eu trabalho também tem um bocado de briga da gente. Por exemplo, lá o contrato de trabalho do pessoal de enfermagem é quase que de funcionário para funcionário: uns têm 40 horas semanais, outros têm 44 horas, outros têm regime de plantão.

No regime de plantão, a chefe pode jogar a gente no plantão que ela quiser e ninguém pode reclamar porque no contrato de trabalho está assim. Então, porquanto o salário é muito baixo, tem meninas que trabalham em dois empregos e por isso terminam faltando um pouco num emprego, um pouco no outro. E isso começa a irritar a chefe, ela fica com raiva.

Aconteceu um caso agora há pouco com uma colega, a Graça. Ela trabalhava nesse hospital que é particular, e trabalhava num hospital do exército. E quem trabalha num hospital assim federal, geralmente falta no particular porque o federal oferece estabilidade, e o particular não. Aí, como Graça faltou algumas vezes, a chefe com raiva botou ela no mesmo plantão que ela estava trabalhando no hospital do exército. A menina então brigou e disse que não aceitava.

Por conta disso, a chefe conseguiu demitir Graça por justa causa, porque o contrato dela era regime de plantão e ela não podia recusar. Graça então foi na justiça dar queixa da empresa e contou tudinho. Isso deu um clima assim no hospital... “ganha ou não ganha, ganha ou não ganha”? Todas as meninas estavam a favor de Graça, sobretudo porque ninguém gosta dessa chefe que é muito sacana.

Inclusive aconteceu um fato que revoltou todo mundo. Depois de uns 15 dias vieram dizer que queriam alguém para ir na justiça depor contra Graça. Mas ninguém da gente queria ir. Então a chefe chegou um dia no setor e, sem explicar para que, botou o nome das meninas em um papel, sorteou uma e disse para ela: “Você vai na justiça falar do caso de Graça”. Isso é que é danado, a menina foi

forçada a ir para não perder o emprego. Mas ainda bem que nem precisou ela depor porque, logo com o primeiro depoimento, a justiça deu ganho de causa a Graça.

E depois, quando soubemos no hospital que Graça ganhou, aí foi um negócio tão bom! O vestiário da gente é junto do departamento de enfermagem, e é só meia parede assim. Bem alto, o pessoal gritou: “Graça ganhou”. Não precisava falar alto, mas era para a chefe ouvir mesmo.

Então a gente vê que não é nada grande, mas existe um tipo de luta dentro do hospital.

Outra coisa também que aconteceu: esse hospital demitiu um bocado de gente e, por causa disso, botou pessoas para trabalhar em dois setores, inclusive um setor no primeiro andar e outro no térreo. Teve duas meninas lá, Vilma e Rita, que não agüentaram; e para ter alguma coisa concreta que provasse, caso elas entrassem na justiça, resolveram fazer xerox da escala de trabalho fixada no setor. Quer dizer, sumiram com a escala por uns dias.

Bom, alguém disse para a chefe que Vilma e Rita é quem tinham tirado a escala. E pouco depois elas foram chamadas no Departamento de enfermagem, uma de cada vez. Chamaram primeiro Vilma: “Vilma, devolva a escala do plantão que você tirou”. A menina se fez de inocente: “Que escala? Não sei de escala nenhuma”. As outras insistiram: “Olha, a gente está sabendo que você tirou, você é amiga da gente, para quê que você quer a escala?” E Vilma: “Não, não tirei e nem estou sabendo de nada”. Só sei que Vilma não caiu no papo das mulheres.

No dia seguinte, chamaram a outra menina: “Rita, ontem a gente esteve falando com Vilma e ela falou que você estava com a escala. Devolva para a gente”. Aí Rita também se fez de inocente: “Vilma está doida, não é possível que ela tenha dito um negócio desses! Eu não peguei em escala. Não acredito que ela tenha dito isso não”. E enrolaram bem meia hora.

Eu sei que a chefia não conseguiu tirar nada das meninas, nenhuma das duas abriu o negócio. E a escala sumiu, depois apareceu lá novamente. É uma forma de resistência.

E há também outras formas. Tem colegas que a gente já sabe que chegam atrasadas no serviço. Então, como lá o local do relógio de ponto não é muito vigiado, a gente bate o cartão delas. Agora, se elas faltam naquele dia, aí dá zebra...

Então é isso, o que a gente faz não é nada organizado, nada grande. Por isso muitas pessoas, às vezes até a gente mesmo, não percebem que essas coisas são um tipo de luta.

Vicente — Ouvindo estas histórias aí todinhas, a gente vê que na roça é totalmente diferente. Primeiro que essa questão de desemprego que está todo mundo preocupado aqui, lá não estão sabendo que existe. Não afeta muito a gente particularmente. Agora, ruim é quando não se encontra terra para plantar. Quando os donos dizem que não dão mais terra, aí a coisa fica russa.

Lá, a maioria é parceiro. O nosso sistema de trabalhar não é controlado porque a gente não é empregado de ninguém. Não é empregado modo de dizer, né?... Por exemplo, quando eu planto um pé de feijão, na minha cabeça aquele feijão que der vai ser meu, não tem outra pessoa que venha tomar ele de mim. Mas o que acontece? O dono da terra dá a terra para nós e exige que a gente pague a ele com um bocado da produção que a gente colher. Quer dizer, a gente tem que trabalhar com coragem, com todo esforço, porque quanto mais se trabalha mais produz. Mas a produção, a gente vai entregar na mão de quem não trabalhou.

O dono diz que tem que ficar com um bocado da produção porque ele paga imposto caro daquela terra. Mas às vezes ele tem 15 rendeiros, e só com a produção de um ele já paga aquele imposto. O resto fica para ele comprar mais terra... Aí prova que ele não faz nada; só quem faz é a gente.

A maioria dos donos de terra também tem criação de gado. E a forragem da roça da gente serve para alimentar o gado dele. Por exemplo, ele não deixa eu tirar a forragem da minha roça, é para o gado dele. Quando chega o tempo determinado de eu colher o algodão, eu tenho que colher rapidinho, senão ele bota o gado para invadir a roça. Lá eles usam muito botar o gado dentro do algodão da gente.

Dentro das cidades, existe muito biscate. Isso é de modo geral. Numa cidadezinha lá no interior, a gente vê que o pessoal não planta, planta muito pouco, mas vive totalmente de biscate. Trabalha um dia aqui, outro acolá, vende uma fruta, um peixe, uma coisa. No dia que trabalha come, no dia que vende uma coisa e tem um lucro come, no dia que não trabalha não come, no dia em que não vende nada não come também. Quem aluga uma casinha paga quando pode e também como pode.

Agora, a gente vê que ninguém é satisfeito com a vida que tem. Todo mundo é revoltado. Assim como aqui na cidade existe aquele negócio que vocês estavam falando do desemprego, todo mundo preocupado, mesmo nego que está empregado está preocupado porque amanhã pode estar desempregado, lá também a gente tem a nossa preocupação: é a preocupação com a terra, com o preço da produção que pode baixar, com o lugar onde vai trabalhar amanhã para ganhar um trocadinho para viver, para escapar.

Então a gente vê que a realidade é diferente e ao mesmo tempo é igual. E vê também a luta da gente. Por exemplo, o trato de dar uma parte da produção para o dono da terra não é cumprido não. Aí é que está o negócio, a gente também não vai cumprir tudo direitinho. O dono da terra diz: “É rapaz, eu te dou esse pedaço de terra e tu me dá tanto da produção”. Mas chega na hora, nego diz: “Não posso dar esse tanto porque a produção deu menos”. A maioria das vezes, não é que a produção deu menos. Por exemplo, a gente faz a farinha. Termina de torrar aquela farinha e, à noite, leva um bocado para casa em três ou quatro viagens. E no outro dia, quando o dono vai na casa de farinha receber a parte dele, aí dá muito menos. Claro, o cara já tinha tirado um bocado e levado para casa! Então aquele bocado não conta na hora de dividir.

Com o algodão também é a mesma coisa. Sendo que o algodão, a parte que eu fico com ela eu sou obrigado a vender ao dono da terra, e pelo preço que ele quer pagar. Então tem gente que, de noite, bota no jumentão uma carga do algodão que colheu, atravessa uma légua e vai deixar numa casa lá adiante. E no outro dia volta nessa casa para pegar o algodão e ir vender na cidade. Tem até uns donos de terra que saem perguntando nos comércios quem foi que comprou algodão do fulano de tal. Os donos ficam revoltados, mas a gente só pode mesmo entregar o que a gente acha que pode dar.

Agora, tem muitos donos que cobram adiantado, isso está acontecendo muito. Aí fica fogo para a gente! Porque se for a seca, se não brotar, se não der nada, aí a gente já pagou e fica mais difícil...

As vezes também, na hora de arrendar a terra, o dono não vai lá medir. É a gente mesmo que mede. E aí... a gente aumenta o tamanho da terra, pega um pedaço maior.

Então tudo que a gente pode fazer para se defender, a gente faz. Nego não cumpre todas as coisas que alguém determina não. Tem gente que diz que agricultor é individualista. Mas não é não, porque cada um tem seu jeito de fazer, mas no fim todo mundo faz a mesma coisa.

E tem muitas coisas que a gente faz em comum também. Por exemplo, tem a troca de dia: um batalhão trata de limpar o roçado de um; no outro dia, outro batalhão vai limpar o roçado de outro. Isso é muito comum.

As vezes, eu estou fazendo um serviço qualquer e preciso de um objeto de fulano de tal que mora a duas léguas. Aí vou lá, falo, ele me empresta, eu uso, depois vou deixar de novo. Existe muito isso lá. Quem tem um instrumento de trabalho, quem tem um machado, empresta para o outro na maior tranqüilidade.

E isso faz muita amizade. Quando a gente pede a uma pessoa a primeira vez e ela empresta, isso faz uma amizade tremenda. Porque depois a gente vai devolver e fica à disposição também daquela pessoa: "Quando você precisar de mim, qualquer coisa estou à disposição". E aí ela já se acha com mais coragem para, quando precisar da gente, também pedir sem nenhum acanhamento. Eu acho que é por aí que começa mesmo a amizade de lá, sabe?

E também tem lugares que o pessoal se organizou por causa de negócio de terra. Mas aí entra todo o processo que criou aquilo ali: o pessoal veio morar na terra, aí veio alguém dizendo que é o dono da terra, quer tomar, o pessoal todinho se une, se organiza ali, não entrega de jeito nenhum. Acontece isso. Não é geral, é em determinados lugares. Por exemplo, tem uma área muito grande lá que mora umas 600, 700 famílias. E agora uma firma muito rica comprou essa região e quer plantar coco e várias outras coisas; tem muito boa terra. Eles já se apossaram da área que estava desocupada e agora estão entrando na área que aquelas famílias estão ocupando. Faz uns dois anos esse problema lá.

E o pessoal se organizou mesmo, sem ninguém forçar. A firma tentou fazer uma estrada, começaram uma estrada muito larga. Mas o pessoal não quer a estrada de jeito nenhum porque depois que ela estiver pronta já vai ser um tipo de apropriação que a firma tem dentro da área ocupada por eles. Então juntaram lá 400 pessoas, fizeram uma movimentação, e eu sei que a estrada está parada até hoje.

Essa empresa já mandou duas propostas para essas famílias. A primeira era querendo agrupar o pessoal aqui, ali, dando um pedacinho de terra, prometendo escola, água encanada, implemento agrícola, máquina para o pessoal trabalhar. Aí eles disseram que não queriam de jeito nenhum. Quando foi agora, a empresa mandou outra proposta aumentando a área de terra e oferecendo mais coisas. E o pessoal disse de novo que não queria de jeito nenhum.

Parece que os caras da empresa ficam com medo de enfrentar mesmo, aí tentam conseguir de outra maneira, adulando e ajeitando. Eles procuram conversar com os velhos para ver se os velhos convencem os filhos. Mas acontece que quando eles marcam reunião com os velhos, quem vai é os filhos. Os velhos vão também, mas os filhos combinam logo para os velhos não falarem nada, quem fala é eles mesmos.

Quando os caras da empresa apareceram lá querendo fazer um marco no chão, um poço, um bocado de mulheres botou eles para correr. O pessoal se organiza assim: tem as coisas que precisa dos homens e tem as coisas que precisa das mulheres, porque eles acham que as mulheres falam mais, e também que os homens da empresa não vão fazer nada com as mulheres.

Eu sei que nunca mais ninguém pisou lá dentro. Não sei o que que vai resultar aquilo ali. Eu penso assim: se fossem 10 pessoas, a empresa já tinha ido lá, botado o trator, tomado as casas do pessoal. Mas como não são 10 pessoas, são 2 mil pessoas e está todo mundo unido, todo mundo junto...

Agora, isso não está acontecendo só lá não. No momento está sendo o lugar assim mais badalado. Mas aqui e acolá está existindo essa mesma coisa.

Acho que ninguém está querendo se entregar não. Está todo mundo lutando para não se entregar.

Zé — Essas coisas todas que acontecem, mesmo não sendo assim muito organizadas, eu acho que são formas do trabalhador não se entregar, de reagir, de não estar dando o couro dele.

2. A SITUAÇÃO HOJE ESTÁ MAIS VIOLENTA

Zé — A vida do trabalhador sempre foi uma guerra que a gente entra nela numa desigualdade tremenda. Mas eu acho que hoje a coisa está mais violenta. Por exemplo, o desemprego na situação em que a gente está vivendo hoje não é um desemprego que você está desempregado hoje e amanhã você vai estar empregado. E quando encontra emprego, o salário que pagam é muito mais baixo do que o salário que você recebia quando se desempregou.

Acho que não é somente o problema da crise, entra também a questão da mudança da forma de produção. Por exemplo, alguns profissionais não encontram mais trabalho, as empresas que absorviam eles não estão absorvendo mais. É uma mudança para intensificar a produção e para tentar sujeitar mais ainda os trabalhadores.

A realidade de quem está desempregado é a pressão em todos os sentidos. É a pressão de você não ter dinheiro para a comida, o aluguel da casa, o gás, o transporte, a escola das crianças. É a pressão de você não ter uma rotina de trabalho, porque você tem o tempo todo desocupado e não sabe o que fazer do seu tempo. E aí vem o desânimo para fazer as coisas; chega um ponto em que até a pelada que o cara gosta não dá mais prazer.

Manoel — Isso tudo que você falou aí, realmente é um dado hoje, é no Rio, em São Paulo, no Recife, acho que é em todo canto.

Adão — E tem ainda um aspecto muito importante no que você disse. É a dependência que a fábrica cria no trabalhador.

De um lado, você depende do salário pago pela fábrica para resolver as tuas necessidades de sobrevivência. E de outro lado, o trabalho é organizado de tal forma que dificulta o desenvolvimento da tua autonomia. Para começar, o profissional desempregado fica concretamente desprovido de seus instrumentos de trabalho, uma vez que eles pertencem à fábrica. Além disso, o que é a “rotina de trabalho” do operário, como você falou? É uma rotina onde as iniciativas são dadas pela fábrica. E aí, quando você fica desempregado, não sabe nem o que fazer do seu tempo...

Zé — E essa situação de desemprego influi também nos caras que continuam trabalhando. Outro dia encontrei com uns companheiros empregados numa fábrica onde eu já trabalhei, e eles falaram: “Ó, estou agüentando tudo, estou tendo que segurar tudo, estou fazendo hora extra até domingo, mas não tem outro jeito. Estou segurando a peteca, não sei até quando vou agüentar, não estou tendo tempo para nada”.

Mamoel — Dentro da fábrica hoje, a gente vê duas coisas que eu acho muito importante falar sobre elas. Uma primeira coisa é aquela resistência surda que a gente já falou sobre ela e que quando se manifesta coletivamente tem se manifestado com uma violência nova.

Por exemplo, muitas lutas de fábrica que estão se dando hoje vêm acompanhadas de ocupação da fábrica. Os operários não se resumem a parar a produção e reivindicar melhoria do salário ou das condições de trabalho. Eles invadem os escritórios da empresa, desalojam a diretoria e, por um determinado tempo, a diretoria fica subordinada ao poder dos trabalhadores. Em São Bernardo, numa dessas ocupações, um dos diretores da empresa recorreu ao departamento médico para conseguir sair da fábrica porque os trabalhadores tinham decidido que ninguém podia sair. E o médico respondeu que não podia dar o atestado porque ele não estava doente; só daria com ordem dos trabalhadores. Quer dizer, os operários se enfrentam diretamente com o poder dos patrões sobre a propriedade da fábrica e sobre a organização da produção.

E a segunda coisa que eu vejo dentro da fábrica é que hoje, como nunca, a produção é pensada e organizada da forma mais violenta em termos de ritmo de trabalho, baseada numa hierarquia de poder que pretende garantir o máximo controle dos movimentos dos trabalhadores.

Por exemplo, hoje a direção da fábrica está dando uma importância danada ao negócio de Relações Industriais ou coisa parecida. E por quê? Porque hoje o patrão está preocupado em estudar o movimento operário como nunca estudou. Do mesmo jeito que a fábrica bota um cara formado numa Universidade para estudar a produção, como garantir mais investimento, como organizar a produção para ter mais lucro, do mesmo modo ela coloca um cara que é especialista em estudar, acompanhar e analisar o movimento operário.

O cara de Relações Industriais lá da fábrica onde eu trabalho é um cara desse tipo. Quando ele vem conversar com a gente, cita trechos dos boletins da Oposição Sindical, tem todos eles arquivados... E tem mais: é um cara que bate no peito assim de democrata, diz que aquela fábrica é uma empresa nacional, reclama que tem empresas multinacionais roubando o Brasil. Isso é novidade na fábrica, essa parte de Relações Industriais sempre foi pouco cuidada pela direção da empresa. No fundo, no fundo, isso é o quê? É tentar botar peneira para tapar essa opressão que nunca foi tão violenta.

Zé — E aí você vê que a luta de classe não vem “de fora para dentro”, como algumas pessoas ainda pensam. Ela está exatamente dentro do local de trabalho. E os capitalistas já perceberam isso muito bem. Por isso eles estão tendo todo esse cuidado para zelar da coisa deles hoje, da propriedade privada deles, do poder deles, para cercar o perigo do poder passar para o outro lado...

A luta de classes para os patrões está muito mais concreta do que para boa parte desse pessoal que diz que está do lado da classe operária. Para mim, na medida em que a gente foi discutindo, essas coisas foram ficando ainda mais claras.

II. PARA ONDE LEVA TUDO ISSO?

1. UMA INVENÇÃO QUE NÃO SIGNIFICA TIRAR DO NADA

Manoel — Vejam bem, muita gente coloca a seguinte questão: para onde levam, para que rio, para que mar levam estas lutas aí? O mutirão que o pessoal fez no bairro hoje de manhã, a menina que tem um gesto de solidariedade no hospital, os colegas que batem o cartão de ponto para o outro, as brigas com o chefe, essa conversa miúda, a buchada que a gente come em casa com os companheiros de trabalho, a greve que não aconteceu... para onde leva tudo isso? Muita gente pergunta: “Tudo bem, mas essas coisas estão valendo o que no sentido de mudar a relação de explorado e explorador, de oprimido e opressor? Isso leva a alguma coisa?”

Tem gente que afirma que não leva a nada, que isso se perde na vida a fora e não acumula.

E há também uma outra questão: “E as organizações que se propõem a representar e conduzir o movimento dos trabalhadores têm levado a quê ao longo da história?”

Acho que era muito bom a gente aqui tentar responder a estas duas questões.

João — Eu também me pergunto se essas coisas que algumas delas são mesmo pequenas vão levar a alguma transformação da sociedade. Dos modelos que pretendem conduzir as lutas dos trabalhadores, eu não me pergunto mais porque eu acho que não levam a alguma coisa que seja diferente. Eles já estão aí há muito tempo e não levaram a coisas diferentes.

Agora, as lutas que a gente vive diariamente e que eu acredito que podem dar frutos novos, essas é que eu fico me perguntando de vez em quando em que é que vão dar. O que eu fico observando é que elas vão aproximando a gente e reforçando uma forma de se relacionar que é diferente.

Manoel — Eu vou contar um fato que foi uma história tão bonita... e onde estas duas questões se enfrentaram.

Em um determinado período, quando começou a haver as greves em São Bernardo, eu estava no Recife. Foi em abril de 1980. E São Bernardo ficou sendo uma expectativa dos trabalhadores, o pessoal estava acompanhando a campanha salarial, as assembléias, e estava sabendo que podia sair uma greve.

E aconteceu a greve. Aí, em cima dessa expectativa, a gente formou no Recife um comitê de solidariedade aos trabalhadores do ABC.

Bom, e aí pintou a questão: o que fazer como solidariedade? Os trabalhadores de São Bernardo precisavam de dinheiro. E quando começaram as primeiras propostas, não deu outra: ato público.

Eu acho inclusive que isso revela uma grande falta de imaginação. É aquele negócio dos padrões: tem que fazer ato público na praça do Diário, mesmo que nos atos públicos só estejam indo os oradores. Em São Paulo, na Sé, só quem vai aos atos públicos atualmente são os oradores, é uma vergonha.

Então o nosso comitê de solidariedade à greve do ABC de 1980 fez esta proposta: vamos fazer um grande ato público na praça do Diário. E eu me lembro que eu e mais algumas pessoas começamos a defender que o ato público não tinha nada a ver, tinha que fazer uma coisa diferente, pôr a imaginação para funcionar, ir para os bairros. Foi difícil, mas a nossa proposta passou; pelo menos a gente adiou o tal ato público.

E nós fomos fazer o quê? Tinha lá um boneco de três metros de altura. Esse negócio de boneco grande assim, pelo menos no Recife, é uma alegoria que o povo usa muito para se apresentar. Por exemplo, em Olinda tem o “homem da meia-noite” que sempre saiu no carnaval, desde que eu era menino. Então a gente pegou este boneco que já era conhecido porque um determinado pessoal lá tinha usado

para uma pecinha sobre salário mínimo e custo de vida. E como havia um outro rapaz que saía no carnaval com uma “cobra”, a gente pegou também esta “cobra”. E pegou uma zabumba, um carro de som, fizemos algumas faixas e começamos a ir nos bairros e em porta de fábricas.

Em todos os bairros onde a gente conhecia alguém por mínimo que fosse o conhecimento, a gente foi. Programou uma ida e fez assim um carnaval, com carro de som, zabumba, a “cobra”, às vezes era só o boneco, às vezes era a “cobra”. Numa grande favela que tem lá, conseguimos fazer isto um dia todo, varrendo as ruas, a meninada acompanhando, a poeira comendo, parecia um carnaval. E as mulheres saindo de casa com 10 cruzeiros, um cruzeiro, cinco cruzeiros, enchendo a mochila do pessoal, sabendo que era o negócio de São Bernardo.

Fomos a todas as grandes fábricas de Recife. Em Camaragibe, a gente madrugou na fábrica, depois no bairro, na feira. E teve mais coisas, foi muito bonito.

Eu sei que a gente juntou de 1 cruzeiro, de 10, era saco de dinheiro que não tinha tamanho. Juntar era bom, o ruim era contar... A gente juntou 360 mil cruzeiros de 1 e de 10 cruzeiros, e mandamos para São Bernardo.

Isso tudo culminou com um Primeiro de Maio que tradicionalmente era para discurso de grandes figuras e tal, e terminou sendo um Primeiro de Maio que a expressão máxima foram dois cantadores que colocaram todo o problema de São Bernardo na viola e no verso.

Quer dizer, no Primeiro de Maio não chegou a uma grande mobilização, não chegou a mais de 1.500 pessoas. Mas a quantidade de gente que participou na frente das fábricas, no bairro, correndo atrás, conversando, colaborando inclusive com dinheiro, foi um negócio muito significativo.

Bom, aquela proposta de ato público na praçinha do Diário voltou três vezes e três vezes foi derrotada. Teve um cara que a gente chegou a ser muito amigo a partir disso; ele teve a coragem de retirar a proposta do ato público e apoiar a outra proposta quando ele viu que essa outra tinha alguma coisa de nova, alguma coisa de ato público de fato na expressão da palavra público: público e popular, isto é, com uma marca de classe.

E tem uma diferença aí que eu queria chamar atenção. Uma coisa é você fazer um show para resolver o problema de conseguir juntar gente, porque não existe interesse pelo assunto que você quer colocar. Isso eu vi acontecer em muito comício de partido político por aí. E geralmente também o que o cara diz no discurso não tem muito a

ver com o que o pessoal está vivendo. E outra coisa é quando o pessoal está interessado em uma questão, e você então coloca ela através de uma forma de expressão que não é essa tradicional de pegar o microfone e fazer um grande discurso.

Nós também usamos o microfone. Só que nos atos públicos que existem por aí, uns caras vão só para falar e outros vão só para ouvir; já está demarcado quem vai falar e quem vai ouvir. E no caso da gente, o microfone passava de mão em mão. O pessoal pegava, falava da sua situação, informava sobre o que sabia de São Bernardo, levantava problemas do bairro. Isto é, passaram a usar o microfone para manifestar coisas que tinham relação com a vida e a luta dos trabalhadores.

Então, a questão principal não era o instrumento, não era o microfone, o carro de som, o boneco. O mais importante para nós foi que aqueles “atos públicos” estavam sendo feitos pelo próprio público. Quando nós fomos a um dos bairros populares, por exemplo, estávamos sem o carro de som; e de repente o serviço de som de um parquinho de diversões que existe nesse bairro foi oferecido ao nosso cortejo. A mesma coisa aconteceu quando passamos em frente de uma gafeira que também existe no bairro e que tem os alto-falantes voltados para fora do prédio: o pessoal da gafeira interrompeu a música, anunciou que a gente estava ali por conta da solidariedade aos trabalhadores de São Bernardo e depois cedeu o microfone ao nosso movimento.

Adão — Nesse fato que você contou, eu imagino que vocês valorizaram e deram força exatamente àquilo que é criado pelas classes oprimidas: o que elas falam e a forma como falam, cantam, se manifestam, se solidarizam.

Tudo bem, mas aí volta aquela pergunta: estas coisas significam o quê? elas chegam a significar uma criação, digamos assim, social? Uma criação que a gente pode prever que daí surja uma outra forma de viver em sociedade?

Eu fico tendendo a ver assim: a força do sistema capitalista repousa na capacidade que ele possa ter de absorver tudo para dentro das suas malhas; ele tenta impor inclusive uma maneira de viver, de se relacionar, de se organizar e até de lutar. Não é por outro motivo que os capitalistas procuram perceber muito bem onde é que está o seu próprio ponto fraco e atacam este ponto para poder cercar tudo. É o caso que se falou hoje aqui do departamento de Relações Industriais. Eles estão metidos na luta de classe, são os primeiros interessados nela; percebem onde têm que atacar e tratam de tomar a iniciativa e impor suas regras.

Mas apesar disso, eles não conseguem absorver todas as criações e manifestações do movimento dos trabalhadores. Sobre algumas delas, nós já falamos aqui; há muitas outras. Exatamente porque são criações e manifestações que só interessam a nós, elas não têm uma organização dada pelas regras do sistema, não são estruturadas de acordo com o figurino capitalista.

Então eu vejo o seguinte: possivelmente, se é que deve existir alguma estruturação assim mais expressiva do movimento dos trabalhadores, eu acho que é alguma coisa que tem que ser inventada. Mas é um inventado que não significa tirar do nada; significa alguma coisa que seja correspondente a esses tipos de luta que já existem aí.

Eu acho que esse caminho não é fácil. Talvez uma forma seja esse tipo de movimento que você contou agora: é uma coisa que realmente dá para perceber que tem força. Agora, eu acho que vai mais além, é preciso investir mais na criação e valorização de outras coisas.

Zé — Eu acredito muito nessas coisas. E o que vocês falaram agora reforçou pra burro. Inclusive eu não tinha assim clareza de alguns pontos, e para mim agora está mais claro.

Eu acho muito importante o seguinte: não é só no embate direto contra os caras da outra classe que a gente faz as coisas da gente. Muita das vezes o embate é só entre nós, é a gente lutando entre nós contra o inimigo que está presente no nosso próprio meio, contra os vícios que nós mesmos temos. E é exatamente aí que estas lutas que muita gente pergunta para onde levam estão sendo capazes de criar alguma coisa verdadeiramente nossa. Eu digo que elas estão criando uma relação humana entre as pessoas onde cada vez mais vai sendo abolida a relação de dominação entre eu e você, entre nós todos, e vai havendo muito mais uma relação de respeito, de solidariedade, de fraternidade de fato, baseada na igualdade.

Eu não sei se eu estou dando um peso muito grande nisso, mas eu acho que é preciso criar formas de relação entre os homens onde a dominação seja completamente abolida, onde não exista aqueles que “sabem mais” e os que “sabem menos”, os que estão na “frente” e os que estão “atrás”, os que são mais “conscientes” e os que são menos “conscientes”. Eu diria que a dominação está para o capitalismo assim como uma relação diferente está para... uma coisa que eu não sei que nome dar. Eu só sei que essa nova relação é aquela que é criada no local de trabalho, em um jogo de bola, numa feijoada, numa viola, no quintal da nossa casa, em um encontro, em um piquenique, em qualquer coisa que a gente faça entre nós onde

não esteja ali o cara que vai dizer mais do que o outro, que vai falar a verdade para os outros ouvirem e seguirem. E essa é uma marca de devemos reforçar e garantir inclusive nos momentos de embate direto com a outra classe.

Manoel — Eu acho que você está colocando o dedo na ferida. Mas o que você falou não está suficiente ainda.

Veja bem, o movimento dos trabalhadores entendido apenas como o movimento que se expressa através daqueles modelos e padrões, isto é, o movimento sindical, o movimento dos partidos, o movimento das grandes mobilizações, realmente tem sido pouco eficaz. E tem sido pouco eficaz porque não tem conseguido, dentro dele, apontar aquilo que é o coração, aquilo que é o cerne pelo qual se luta: uma vida diferente, uma relação diferente. É a luta pela felicidade, pela dignidade, pela solidariedade, expressa no trabalho, na relação entre as pessoas, na vida. E inclusive este tipo de movimento padronizado tem até perdido o rumo, o horizonte se a gente pode chamar assim, pelo qual se luta, pelo qual se batalha. Eu luto para ser feliz, eu não luto para ser nenhum mártir, eu não sou nenhum masoquista, não luto para sofrer ou para ser punido pela chefia nem pela direção da fábrica. E a minha felicidade só vai existir na medida em que ela seja assim uma felicidade coletiva.

Isso é novo. E isso é politicamente eficaz; funciona na fábrica, no campo, nos hospitais, em tudo. Só que a gente também está tão viciado que não acredita nisso como sendo o caminho, a proposta, o lugar para se chegar. E termina não fazendo disso uma referência para o movimento dos trabalhadores.

Por exemplo, o que ficou da greve de 80 de São Bernardo? Ela trouxe um rompimento com a vida padronizada pela sociedade burguesa e colocou em questão todas as suas relações. Por exemplo, eu tenho testemunhos de que a necessidade das mulheres participarem na solidariedade aos grevistas levou a uma relação nova entre homem e mulher, levou a mulher a sair de casa e participar no movimento do bairro de apoio aos grevistas. Isto é, a greve começou a colocar a questão do papel da mulher dentro de casa e no bairro. Uma porção de manifestações como estas começaram a acontecer. Mas o que ficou da greve de São Bernardo na cabeça de grande parte dos próprios caras que viveram isto é outra coisa: é só a grande manifestação, é o Estádio de Vila Euclides. E essa riqueza que foi vivida e que inclusive foi capaz de levar 80 mil pessoas ao Estádio de Vila Euclides? Essa riqueza fica em segundo plano.

Então é isso, a gente não está sendo capaz de dar o devido valor às relações e coisas novas que nós mesmos estamos criando, a gente

não dá o devido valor no sentido de que a gente não entende que é esse o caminho.

Agora, dentro disso eu me preocupo com uma outra coisa. Eu acho que a gente tem que fazer um esforço aqui e colocar o dedo na ferida da seguinte questão: politicamente o que é mesmo que significa romper com a relação de dominação e criar uma relação nova?

Significa uma mudança que vai sendo qualitativa. Veja bem, o sistema capitalista se mantém, se reproduz, continua existindo, a partir e enquanto ele consegue garantir que exista uma relação de poder em que uns mandem e outros obedeçam, uns discurssem e outros aplaudam, uns pensem e coloquem as propostas e outros votem. Esta é uma coluna que sustenta esse sistema e a reprodução dele.

Em conseqüência, qualquer processo de transformação que não questione, que não quebre, que não rompa essa coluna e rompendo crie o novo, é uma transformação que a gente tem o direito de duvidar se ela realmente mudou a qualidade do sistema.

Eu acho que o movimento dos trabalhadores ganhará mais força na medida em que um conjunto cada vez mais amplo de trabalhadores abalar, na prática, essa coluna. E isso significa os trabalhadores criarem entre si um tipo de relação onde todos ouvem o que cada um tem para dizer, dão a sua opinião, discutem, tomam iniciativas decididas coletivamente, botam em prática sua imaginação, desenvolvem sua autonomia.

Agora, eu acredito que a produção dessa vida diferente está umbilicalmente ligada à raiz de classe da gente. Quer dizer, eu acredito que só os explorados e oprimidos dessa terra serão capazes de romper a relação de dominação.

A dominação não se dá só porque o nosso salário é pouco, ou porque a gente perde o emprego, ou porque falta o feijão, falta o arroz. A dominação é aquilo que eu falei, uma coisa que tem a ver com uma relação de poder que faz alguns serem maiores e outros serem menores. Então só quem está vivendo e partilhando a dominação, só os iguais da terra, podem romper com a relação de dominação e criar uma relação de igualdade.

Por exemplo, as coisas que eu levo para casa são as coisas que os companheiros da fábrica onde eu trabalho levam para casa. A casa que eu moro pode ser pintada de cor diferente mas ela não é diferente da casa dos 2.500 companheiros que eu tenho na fábrica. A minha vida é uma vida igual à deles. Nós somos iguais e somos igualmente explorados, igualmente oprimidos.

É isso é condição para que dentro da nossa arte, da nossa viola, do verso que a gente faz, da quadrinha que a gente faz no banheiro

às vezes até xingando o chefe, esteja contida a manifestação de um grito de vida nova, um grito de liberdade. E a vida da gente é toda esse grito. A arte da gente, até o corpo da gente, o samba na avenida, tudo tem a ver com o empinar de cabeça que a gente quer, com o nariz para cima que a gente quer, com a expressão de força que a gente tem.

Zé — O problema é que muitas vezes a gente passa a subordinar toda uma expectativa de vida, toda uma necessidade de realização, aos padrões de vida do sistema, e não às nossas motivações. A gente não liga para o fato de que o “viver bem” do sistema capitalista é um “viver bem” que, para nós, não é a saída. Porque ele é feito de dominação. Então eu acho que se nós não criarmos hoje uma forma nossa de viver a solidariedade e a autonomia, nós não vamos ter condições de eliminar um sistema que vive da dominação, a gente só vai reproduzir a dominação.

João — Deixa eu falar só uma coisa aí. De vez em quando pode parecer que nós aqui, um grupo pequeno, é que promovemos um relacionamento diferente. Mas o que eu tenho observado lá no meu trabalho é que as pessoas buscam isso, buscam por uma questão de que, pô, você está fudido, está morto, aí você tem que arranjar uma saída!

Quando eu, por exemplo, fui trabalhar na firma que eu estou hoje, uma disposição que eu tinha e ainda tenho até hoje era de não ser o cara que vai chegar dizendo o que tem que fazer. Quer dizer, era de tentar, o máximo possível, viver com as pessoas o que elas estão vivendo, o que estão transando, e participar disso aí não como um cara que vem de fora, mas como um cara que está ali dentro daquela roda e que tem que viver também ali.

Então não sei em outros lugares, mas o que realmente passa para mim dessas coisas que a gente transa lá é que o pessoal está nessa daí, está buscando uma forma de vida que não tenha essa coisa de dominação. Não é questão de que fulano ou um grupo não sei das quantas é que está com isso na cabeça e promove não.

2. A GENTE TEM QUE BATALHAR MUITO MAIS

Manoel — É, mas eu tenho uma questão. Eu acho que o capitalismo também está atento para as formas de solidariedade e autonomia que os trabalhadores vão criando. E na medida em que a gente se decidir pela expressão mais clara e ampla dessas coisas, o combate a elas vai vir e vai vir ferozmente.

Com isso eu não estou dizendo que o importante é primeiro enfrentar e vencer o patrão para depois poder criar relações sem dominação e sem hierarquias. O que eu estou dizendo é que eu não acredito que a gente vai ser capaz de criar isso a não ser enfrentando ao mesmo tempo o inimigo mortal dessa nova maneira de viver. Porque quando esse inimigo se aperceber das coisas diferentes que vão crescendo, ele cai em cima violentamente.

E a gente tem exemplos disso, inclusive exemplos que estão aí na história. O que foi Caldeirão? Um negócio meio místico. Mas de repente Beato Lourenço e um bocado de camponeses resolveram não precisar de jeito nenhum do sistema capitalista. Se juntaram lá em um pedaço de terra que não sei se foi doado, e começaram a produzir alimentos, roupas e outras coisas, começaram a viver independente. E pelo que eu sei, posso estar mal informado, mas existia alguma coisa de novo na relação entre eles, quer dizer, existia um negócio apontando para uma prática solidária de vida coletiva. E de repente os donos das outras terras se aperceberam. E quem foi lá reprimir, chegou e disse: "Pega cada um o que é seu e dispersa daqui". E o pessoal respondeu: "Mas ninguém tem nada de seu, é de todo mundo". E veio a repressão violenta.

Quer dizer, uma coisa não cabe na outra. A hierarquia, o comando e a dominação não convivem com a igualdade e a autonomia. O capitalismo não convive com as coisas que são uma ameaça vital a ele mesmo. Por isso ele reprime.

E quando não reprime, tenta recuperar para si, tenta colocar como uma peça da sua própria engrenagem que produz dominação e riqueza. E aí vai ser uma peça que desajusta um pouco, dá trabalho, de vez em quando tem que dar uma azeitada nela, tem que dar uma ajustadinha também, mas vai ser uma peça dessa engrenagem. É o caso do que ele fez com as cooperativas, com o sindicato, e do que ele tenta fazer hoje com as comissões de fábrica.

Quer dizer, ou o capitalismo vai tentar se assenhorar daquilo que nasce para negá-lo, ou então vai reprimir, vai tratar de largar o pau e quebrar a peça, destruir, dizimar e varrer da terra.

Então eu acho que a gente não vai ser capaz de ampliar as relações de solidariedade, de igualdade, de autonomia sem ao mesmo tempo combater a engrenagem capitalista. Ou melhor, viver essas coisas é uma prática de luta permanente contra o sistema, mas é preciso derrotar o capitalismo para que os trabalhadores possam vivê-las plenamente.

Zé — Eu acho que você tem plena razão. E o que é esse combate à engrenagem? Você vê, o trabalho e as condições de vida são de tal

forma opressores que o trabalhador se torna um indivíduo isolado que não acredita em si mesmo nem nos companheiros, não valoriza as coisas que ele pensa, produz ou cria. Então, quando a gente se junta e começa a viver uma relação de igualdade e confiança uns nos outros, a gente já está lutando contra o sistema. Porque o sistema pressupõe que no meio de duas, três, quatro pessoas, existe alguém que domina, que sabe melhor das coisas, que determina o que vai ser feito.

E essa dominação se infiltra em tudo, inclusive na relação familiar, na relação entre irmãos, entre marido e mulher. As pessoas, uma quer dominar a outra. Entre marido e mulher, a questão da dominação é violenta, alguém tem que dominar. Muitas vezes inclusive você só consegue uma afirmação de solidariedade de fato em um lugar de trabalho ou em um outro lugar, não na família; porque em outros lugares, quando você está colocado como um cara que não tem poder nenhum junto com outros caras que também não têm poder nenhum, você vive alguma coisa que te aponta que a saída é outra, não é pela dominação.

Então eu acho que realmente esse tipo de relação diferente enfrenta permanentemente o sistema.

Agora, o sistema não é uma coisa parada; ele é uma coisa que está andando. O sistema não está satisfeito com o que você está produzindo; mesmo que você esteja produzindo muito, ele quer mais, ele tem fome de lucro. Então, vira e mexe eles armam uma merda que é para arrumar problema para você. E esse problema é uma nova forma deles obterem mais coisas para si. Quer dizer, vira e mexe, o sistema está dividindo em grupos, redividindo, separando, botando o cara para trabalhar aqui, botando para trabalhar lá.

Mas acontece que quando a gente está vivendo uma forma de relação sem dominação, a gente não enfrenta as coisas individualmente. E aí a nossa resistência passa a ter muito mais força.

Por exemplo, numa fábrica onde eu trabalhei, eu me lembro uma vez que nós programamos um futebol e que simplesmente este futebol deu no seguinte: um dos engenheiros do setor mandou os encarregados fazerem uma reunião com a gente dizendo que ele pedia para adiar o futebol porque tinha um serviço que não podia ser adiado. Só que nós respondemos que não podíamos adiar o futebol... lamentavelmente! Não foi só um cara não, foi todo mundo que achou que não podia adiar. Reuniu duas seções que não poderiam fazer serão de jeito nenhum porque tinha o futebol. Quer dizer, tem questões que o simples fato da existência delas vai incomodar a engrenagem do sistema.

É verdade que o sistema tem conseguido quebrar com determinadas coisas. Ele quebra um ponto, a gente recupera em outro, ele cerca de novo. . . Mas eu acredito que na medida em que essa relação diferente vai ganhando força, aí fica mais difícil de quebrar.

Então para mim, combater essa engrenagem não é que hoje nego vai juntar em um canto aí e vai viver uma maravilha. Não é isso. É desenvolver esta outra relação que exatamente dá força às resistências e às lutas que vão acontecendo.

Adão — Agora, eu acho que o combate à engrenagem do sistema é mais amplo. Porque veja bem: na fábrica ou em outro local de trabalho, quando o pessoal começa a criar essa participação onde todos estão ali como iguais e começam assim a ter uma capacidade maior de controle sobre o processo de produção, o que acontece? A direção vai substituindo esse pessoal, vai cortando, jogando na rua e pegando novos. E os caras novos no emprego, geralmente vão passar um tempo até estabelecer laços mais estreitos de solidariedade e confiança uns nos outros e armar formas de resistência mais coletiva.

Então o que acontece é que nos locais de trabalho, quando esses laços começam a aparecer, eles são cortados.

Tudo bem, isso não vai impedir nunca que, nestes lugares, a solidariedade, a autonomia, as resistências e as lutas continuem a ser criadas e reinventadas.

Agora, eu acho que isso tem que se traduzir também em outras coisas, em coisas ligadas assim a necessidades muito concretas do movimento dos trabalhadores, e que são um outro tipo de combate à engrenagem do sistema. Por exemplo, todo mundo sabe que o trabalhador do campo produz a comida e o trabalhador da cidade, além de uma série de besteiras que ele é obrigado a fabricar, produz também algumas coisas úteis. Então há interesse tanto do cara do campo como do cara da cidade em que ambos possam se favorecer transando diretamente seus produtos. Isso aí é uma evidência que aponta um caminho de como romper o cerco violento de uma engrenagem que amarra o trabalhador justamente pela boca. . . isto é, pela necessidade que ele tem de comer. Então, tentar romper esse cerco por aí já seria uma gota no mar do combate à engrenagem do sistema.

A gente sabe que já existem algumas iniciativas nesse sentido. O problema é que, em várias delas, o sistema está sendo simplesmente repetido. Por quê? São iniciativas onde a preocupação é apenas conseguir um preço melhor para os trabalhadores do campo e da cidade. A questão da participação coletiva nas discussões, nas decisões e na execução das coisas não está posta. Por exemplo, em alguns lugares é sempre o mesmo grupinho da cidade que vai transar com o mesmo gru-

pinho de agricultores; no fundo o que acontece é apenas a eliminação dos intermediários. São iniciativas onde não existe a preocupação com um relacionamento mais amplo e direto entre trabalhadores do campo e da cidade, um relacionamento do qual pudessem ir sendo pensadas e criadas outras formas de produção e troca entre trabalhadores. O que já existe com essa preocupação é muito pouco.

Então eu acho que essa pequena gota só vai ser de fato um combate ao sistema dependendo da forma concreta que ela tomar. Se ela for organizada segundo as relações de dominação que estão aí, então ela não estará combatendo, e sim repetindo o sistema capitalista.

Eu dei o exemplo da transação entre trabalhadores da cidade e camponeses porque me parece que, entre outras coisas, está sendo necessário buscar uma forma diferente de garantir a sustentação material dos trabalhadores. Na fábrica, essa forma diferente pode estar mais clara, pelo menos enquanto horizonte: é o caminho da gestão coletiva dos produtores. Porém na fábrica é onde a guerra é mais difícil: ela é o local social do trabalhador mas é também o lugar privado e privativo do patrão. Contudo eu acho que esse horizonte pode ter desenvolvimentos concretos fora da fábrica. Sobretudo a atual situação de desemprego levanta fortemente essa preocupação.

Então o que eu queria dizer no início era isso: o movimento dos trabalhadores tem que criar coisas novas, não apenas no campo da produção, mas em todos os campos da vida. Certamente ele já está criando. Mas eu acho que a gente tem que batalhar muito mais em cima disso, tem que buscar outras formas, dar mais força a isso.

3. A CLASSE TRABALHADORA NÃO ESTÁ IMUNIZADA

Manoel — A partir disso que vocês falaram, uma coisa já está mais clara para mim: é cada vez mais acreditar que para combater esse sistema que reprime e que tenta absorver tudo, só existe uma força, uma força de classe. É uma força que só existe na medida em que ela se expressar coletivamente e o mais amplo possível, e na medida em que a gente produzir uma relação diferente entre a gente, viver essa relação, combater a todo momento a relação de dominação que está morando entre nós mesmos.

Isso é um caminho que realmente aponta para uma vida sem exploração e sem dominação porque já tem, dentro dele mesmo, alguma coisa dessa vida. E essa alguma coisa tem a ver com o trabalho, com o bairro, com a família, com a arte, com o lazer, com tudo

o que a gente vive. A sociedade que a gente quer já vem se fazendo na própria luta dos trabalhadores.

Agora, o que me preocupa muito é o seguinte: a classe trabalhadora não está vacinada, não está imunizada contra a influência do sistema. Eu não estou querendo dizer que os trabalhadores são influenciados pelo peso da exploração e da opressão capitalista. Porque o movimento dos trabalhadores nasce exatamente contra esse peso. Ele nasce em busca de uma outra maneira de viver, em busca da vida; e a dominação capitalista impede, tolhe, deteriora a vida.

Então a influência do sistema que eu estou querendo colocar aqui é outra: é a existência de relações de dominação dentro da própria classe trabalhadora. Por exemplo, é a "caixinha" que um pessoal criou lá na fábrica, por conta de uma necessidade, por conta da vida. Mas o cara escolhido para ficar com a "caixinha" passa a ser o cara que manda, que decide a quem vai emprestar, quando e quanto vai emprestar. Ou então é o time de futebol que o pessoal organizou, que começou como uma vontade de todo mundo, uma necessidade fudida que aqueles peões têm de lazer; e que de repente é um chefe da fábrica, um cara mais simpático e tal, que está lá organizando o futebol, que está marcando o dia e vai por aí. Quer dizer, é um cara simpático mas é o chefe que manda na fábrica e vai continuar mandando no futebol; a relação de mando que ele tem na fábrica é transferida para o time de futebol. E o pessoal nem se apercebe do que isso significa.

Eu teria muitos outros exemplos. Então o movimento dos trabalhadores, por si só, não está imunizado contra essas influências do sistema.

Mas além disso, tem uma outra influência: são aqueles padrões, aqueles modelos tradicionais de organização e luta. O problema é que eles reproduzem a relação de dominação da qual a gente está querendo se libertar.

Por exemplo, se você quer se organizar no bairro, ou no trabalho, ou onde for, esses padrões dizem: está aqui a associação de moradores, o sindicato, o partido, as lideranças, e vai por aí. Acontece que eu não conheço nenhum desses modelos que, na sua organização, foi capaz de criar alguma coisa que rompesse com o dirigente, com o dirigido, com o presidente, com o secretário, com o tesoureiro, com o estatuto, com o cara que abre e fecha a reunião, com o cara ou o grupo que pensa pelos outros.

Então o que eu queria colocar é que, também através desses padrões e modelos, o sistema influi no movimento dos trabalhadores. E eu tenho exemplos muito concretos disso. Eu vejo lá em São Paulo,

no momento em que os trabalhadores começam a se mobilizar para resistir à questão do desemprego, do salário baixo, da opressão, essas organizações padronizadas se fazem presentes. Não é que elas se tornem a referência de luta do pessoal, não é nelas que o pessoal está ligado. Mas quando elas se fazem presentes, terminam reivindicando para si um tipo de delegação de poder que concentra nas mãos dos representantes o poder de decidir e conduzir as lutas. Resultado: elas absorvem e abafam as iniciativas e as ações coletivas que o pessoal estava começando a criar.

Eu acho que esses padrões de organização e de luta têm muito pouco a ver com o combate real contra as condições de exploração e opressão das quais vive a maioria do povo. Têm muito pouco a ver porque a sua prática não consegue levar em conta o pensamento desse povo, a arte desse povo, o que ele tem para falar, o que ele gosta de ouvir, o que ele gosta de prosar. Os alienados estão sendo eles, não o povo; porque alienado que eu entendo é o pessoal que está alheio, à margem. Mas estes modelos tratam também de algumas questões que interessam à classe trabalhadora: tratam do desemprego, do salário, da habitação, etc. E quando tratam disso, conseguem ter uma influência nos movimentos dos trabalhadores, mas quase sempre no sentido de reproduzir as relações do sistema. Em alguns lugares essa influência é maior, em outros ela é menor.

Então a minha questão é a seguinte: o que fazer para dar mais força à autonomia, à confiança, às relações de solidariedade e igualdade entre os trabalhadores, seja nos embates diretos que a gente trava com a outra classe, seja nas coisas que a gente cria e vive entre nós mesmos?

III. A LUTA É QUEBRANDO A CARA E EMENDANDO TODO TEMPO

1. QUANDO EU ACORDEI, ESTAVA LÁ NA FRENTE

Vicente — Aí vem o negócio da liderança. Para ser um trabalho que ninguém faz a cabeça de ninguém, como é que a gente faz ele democraticamente, sem dominar? Essa questão da liderança é uma discussão que a gente faz lá na região. Porque a liderança é poder; queira ou não queira, liderar já é um poder, né? E quando lidera, está diminuindo a força de alguém, está acumulando força só em um. Para mim liderança é isso, não é nada mais do que isso.

Mas por outro lado também, a gente vê a questão da organização. Porque tudo no mundo que vai acontecer, tem que ser organizado. Nasce logo na cabeça da gente esse negócio de organização. Então como é que acontece um trabalho ou uma organização sem haver a dominação?

Quer dizer, eu concordo que a gente faça alguma coisa que dê força às coisas novas e que não fique não sei quanto tempo nas coisas velhas. Mas alguém vai ter que forçar? Não vai ser forçado, vai acontecer sem ninguém forçar? Como é que vai acontecer isso democraticamente? Para mim tem um negócio aí que não está claro.

Zé — Sobre esse negócio, eu acho que nós temos mil perguntas para responder; não só nós aqui. Porque é o seguinte: a gente critica a dominação e as formas padronizadas de organização. No entanto, nós somos pessoas que estamos pensando, articulando alguma coisa na cabeça, idéias pelo menos, coisas que nós estamos acreditando. E nós temos um papel. Que papel é esse? De liderança? Ou um outro?

O papel da gente na fábrica, por exemplo é o de liderar, o de dizer o que vai ser feito, o que não vai ser feito, como vai ser feito? Ou pode ser um outro papel? Existe uma outra forma de dar força ao movimento dos trabalhadores que não o do cara que lidera?

E essa outra organização, a gente tem condições de antecipar? Ela já tem uma forma hoje em que a gente possa dizer como é que ela está sendo, como que ela vai sendo, como é que ela vai ser?

Eu acho que essa é uma questão.

Aline — Olha, dentro dessa relação nova que a gente quer viver e dar força, eu acho que as pessoas que têm tendência para liderar atrapalham.

Aparentemente a liderança, no meu ver, é um negócio bom para a pessoa que é líder e para os outros que estão seguindo. E para o sistema capitalista é ótimo porque é fácil ele derrubar a pessoa que é liderança. No momento que ele quiser, entra, derruba e... pronto, o que restou?

O sistema consegue isso porque quando a gente tem um líder, entrega as coisas para ele. Ele é a pessoa que vai resolver os nossos problemas. A gente às vezes fica até incapaz de pensar, de raciocinar as coisas. Eu acho que a liderança castra a gente.

Não sei por que, eu estou cheia com essa história de liderança! Não agüento mais essa conversa de que sem um líder as coisas não andam.

E o problema, às vezes, é que você é colocado no lugar de líder. Como a gente luta contra isso?

Vou dar um exemplo. Lá no meu trabalho aconteceu um problema no ambulatório de pediatria. E por conta disso, ia haver uma reunião de todo o pessoal que trabalha no ambulatório: enfermagem, médicos e diretoria. Do pessoal de enfermagem, eu fui a única a ser convidada para assistir à reunião. Aí eu fiquei com uma raiva danada e fui falar com as companheiras do setor: "Olha, a coordenadora me convidou para essa reunião. Que que eu vou fazer? Eu não quero ir sozinha".

Eu já tinha decidido que se fosse para ir sozinha, eu não iria, porque o problema que estava acontecendo atingia todo mundo, e não só a mim. Éramos cinco atendentes, então que pelo menos fossem duas ou três.

Bom, eu coloquei isso para as meninas e elas falaram: "Ah, mas vá sim, tu sabe dizer para eles o que tu estás pensando, e a gente não sabe". Eu disse: "Olha, eu preferia que não fosse nenhuma de nós sozinha". Mas nesse momento, a diretora mandou me chamar justamente para confirmar a hora da reunião e repetir que eu devia ir.

Aí me subiu um ódio, eu saí danada, passei direto para o departamento de enfermagem e disse à coordenadora: "Solange é o seguinte, essa reunião é para todo mundo de pediatria. Eu não vou sozinha porque o problema não é só meu, as meninas também estão com o mesmo problema. E se na reunião vão todos os médicos e só eu da enfermagem, o que que eu vou fazer lá? Eu não vou, pode dizer à diretora que se for para ir sozinha, eu não vou". E terminou que participaram da reunião duas pessoas da enfermagem.

Quer dizer, eu acho que com isso eu cortei um pouco o fato das meninas me colocarem no lugar de líder por acharem que não tinham capacidade para assumir certas coisas. Eu acho que tem jeito de ir cortando aos poucos com isso.

Vicente — Esse negócio de liderança, o problema de surgir é um mistério que vem de vários jeitos.

Por exemplo, lá mesmo tem um cara que não é líder porra nenhuma, não tem intenção de ser. Ele mora em uma terra com vários outros moradores. E como ele tem uma casa melhor, o dono da terra começou a implicar, disse que ia jogar ele fora da terra.

Os outros moradores viram aquilo e quiseram se ligar com o cara, fazer amizade com ele. Ele aceitou, tudo bem, era uma força porque ficava todo mundo junto para reagir caso o dono quisesse tomar também a roça dos outros. E ficou um bocado de tempo, quase um ano, com essa animação, os caras se reunindo.

Quando é agora há pouco tempo, o cara me procurou assim para conversar. Disse que está em um dilema danado porque o dono da terra falou que queria as terras de todo mundo. Aí ele reuniu os outros moradores e os caras jogaram tudo para cima dele: "Ô rapaz, tu resolve aí, o que tu resolver está feito". O cara ficou puto, nem foi ele que procurou os outros para assuntar, para discutir nada.

Quer dizer, a maioria das lideranças que surge no nosso meio é dessa forma. Não é ninguém que procura liderar ninguém. Às vezes surge quando o pessoal está discutindo o próprio problema da terra,

da renda, da vida que a gente está vivendo; aí vai aparecendo os destaques sem ninguém perceber. Quando a gente dá pé, está alguém lá na frente, sem querer nem nada. Essa história desse cara, por exemplo, é um negócio impressionante; como é que acontece isso?

E como enfrentar isso? Qual é o papel do líder depois que ele é colocado nessa posição de ser líder? Eu acredito que é liderar nada, é não querer ser líder. Por que liderança é uma pessoa só querendo tirar a força de muitos. Ou mesmo que não esteja querendo tirar a força dos outros, todo mundo está entregando a sua própria força a um cara. Isso para mim é incrível.

Eu sei que na realidade a coisa é muito mais difícil. Eu mesmo, por exemplo, quando eu acordei, estava lá na frente. E aí, fazer o quê? Correr para fora daquele movimento? Mas isso seria negar a minha participação. Então eu acho que não é correr não. É aproveitar que a gente já está ali dentro para não deixar ninguém liderar, para transformar aquilo ali numa coisa que seja participada por todos. Porque todo mundo é igual, a luta é de todo mundo, todo mundo tem que enfrentar.

Agora, a luta é quebrando a cara e emendando todo o tempo. Então eu não considero que seria uma coisa negativa a gente quebrar a cara. Muitas vezes a gente aprende muito quebrando a cara; e sem quebrar a cara ninguém aprende. Como é que a gente vai acertar uma coisa sem nunca errar? Tem alguma coisa errada aí no meio, né? Só em nunca errar já está errado.

Lá na área da gente, por exemplo, existe um movimento ligado à Igreja. E chegou um determinado ponto da gente criticar tudo que era de igreja: missa, procissão, novena, todas essas coisas de igreja, achando que isso era tradição, devia ser mudado, não devia mais existir.

Mas acontece que foi a gente que chegou a essa conclusão, quer dizer, um pequeno grupo. O povão estava lá mesmo na novena, na procissão, na missa, nas promessas dele e tudo. E a gente é que foi criando essa idéia de que isso devia ser mudado, foi discutindo em pequeno grupo ali, o pessoal que tem mais costume de se reunir.

E foi entrando esse negócio na cabeça da gente e a gente foi se isolando dessas coisas.

Até que a gente descobriu que nós estávamos ficando só. Porque o povo está é lá mesmo, está na procissão, na novena, na missa, em todas essas coisas. E não é só isso não, está também nas festas.

Muitos caras que estão dentro de uma luta assim acham que não vale nada uma festa de São João, não vale nada uma novena... Mas onde é que o povo está? Como é que a gente faz uma coisa sem ninguém, só eu fazendo a coisa?

Aí é que eu digo que foi um ganho muito grande a gente ter descoberto isso, ter achado que não devia ter se isolado assim, mas devia ter aproveitado todas essas coisas para criar coisas novas aí dentro mesmo. Quer dizer, coisa nova que a gente inventou foi se afastar e criticar, achar que aquilo não vale nada.

Então nós estamos tentando ver agora como é que a gente fica por dentro de todas essas coisas, participando mesmo de tudo. Porque se esse povo acompanhasse as idéias da gente, que significado ia ter? Ia significar que a gente estava dominando. É a tal história, quando a gente inventa uma coisa e quer que os outros sigam, está dominando.

2. O SENTIMENTO DA GENTE NÃO CONTA?

Aline — Eu acho que existe também outras formas de dominação. Eu participava de um grupo e a gente se reunia sempre. E faz uns dois anos, meu menino mais velho teve um problema grave de saúde. Foi um tempo que eu fiquei bastante deprimida. Ia para a reunião preocupada, ficava pensando nele em casa.

Nessa época houve uma reunião onde a gente estava discutindo negócio de sindicato, e o pessoal me designou para fazer uma tarefa. Então eu abri para a turma o problema que estava havendo em casa, e disse que não poderia assumir aquela tarefa. Aí todo mundo do grupo disse que aquilo era um problema que não tinha nada a ver com a discussão da gente ali, era problema meu e não era motivo para eu deixar de fazer aquela tarefa. Olha, esse negócio doeu tanto... toda vez que eu conto dá vontade de chorar. E o pior é que eu tinha certeza que aquelas pessoas do grupo iam entender o problema; mas não, não entenderam de jeito nenhum.

Aí, falando agora desse negócio de organização, eu pensei: será que organização é uma coisa que é tão forte que não pode sair daquele esquema que está montado? A gente tem que seguir o esquema, mesmo que a gente se esbarrache? O sentimento da gente não conta? Eu acho que tinha que haver uma forma de organizar onde a gente valesse como gente, onde as coisas que se vive dia a dia em casa e em todos os lugares contassem, porque a gente não pode separar as coisas de jeito nenhum. Quando separa, a pessoa fica oca, vira uma máquina, entra em contradição com o que pensa e com o que acontece no dia-a-dia em casa, com o marido, com os filhos.

João — Há pouco tempo, eu encontrei um amigo meu do Maranhão e ele estava com um problema sério com a esposa, porque ele vivia metido nos movimentos e a esposa não concordava com esse negócio. Quer dizer, o cara não parava em casa, era reunião por cima de reunião, sempre em reunião, viaja para aqui, viaja para lá, vai não sei para onde, não pára. E a mulher sozinha em casa com a família.

Então, ele contando para mim e minha mulher esse problema com a esposa, a gente falou: "Escuta, você não acha que era bom você dar um tempo, ficar mais em casa para dar um apoio maior à tua mulher?". E ele: "Não, o pessoal do meu grupo lá já resolveu o negócio. Vai haver um congresso aí, um seminário de 7 dias, e o pessoal já armou um esquema que vai permitir que eu leve a minha esposa. E aí ela vai participar do seminário e começar a entender que as reuniões são importantes".

Quer dizer, a mulher já estava contra o negócio das reuniões e tudo o mais, e o esquema que o pessoal armou foi esse. Em vez de liberar o cara e dizer: "Rapaz, resolve o teu problema com a tua mulher que é um negócio importante para você e para ela e para os teus filhos", não, fez foi tentar arrastar a mulher para o movimento. Para ver se ela ficava lá pelo menos olhando o marido discutir na reunião...

E isso acontece assim milhões de vezes. Eu conheço pessoas que dizem com o maior orgulho: "Faz 15 dias que eu não vejo o meu filho". Porque estão de reunião em reunião, e dizem com o maior prazer que não têm tempo para ver a família.

3. A ORGANIZAÇÃO É PARA CRIAR LIBERDADE

Vicente — Lá no trabalho da gente, esse negócio de organização está criando um reboliço desgraçado. Porque nós temos a crítica da coisa, e faz dois anos que a gente não aceita mais nada de negócio organizado dentro daquelas metas, aquela coisa toda pronta. Até que a gente chegou ao ponto de desorganizar mesmo, deixar tudo desorganizado para ver como é que dá. Mas mesmo dentro da desorganização, a gente está organizado. Porém chegamos à conclusão agora, e isso é o que está mais mordendo na nossa cabeça, é que precisa mesmo haver outra forma de organização dentro daquilo que a gente está fazendo. Então como é que vai ser feito? Essa conclusão ninguém chegou ainda; é só muita discussão.

Eu vou contar a história do que aconteceu. Lá a gente tem reunião de 30, 40, 60 pessoas. E antes essas reuniões eram coordenadas por alguém, tinha horário estabelecido, hora de almoço, hora da janta,

hora da merenda, hora de discussão, e tinha conteúdo programado. Isso era a organização que havia. Até que chegou um ponto da gente não aceitar mais isso. Quando nego se levantava: "Vamos marcar o horário", outro levantava dizendo: "Não precisa de horário não, deixa tudo livre".

Então as reuniões ficaram assim, ninguém queria nada com horário, ninguém queria nada com conteúdo. Quer dizer, conteúdo tem, mas ficava livre. Quando a gente achava que tinha que ir lá para um tal lugar conversar, ia, quando não achava não ia. As vezes ficava um dia todinho só todo mundo andando nos corredores, conversando o que achava que devia conversar. A conversa tinha de tudo, não tinha conteúdo definido, não tinha tema.

Mas começou a aparecer crítica também disso aí. Nego começou a dizer: "Não, mas a gente vem de tão longe, tanto sacrifício, deixa o serviço lá e chega aqui para ficar desse jeito, parece até que a gente vem é só brincar e comer. A gente considera esse diabo desse movimento como um movimento nosso também, e chega aqui não faz nada, fica só nessa conversa livre aí, falando de história de alma e o diabo a quatro, não tem mais diálogo. Cadê a nossa responsabilidade nesse movimento, na nossa luta? Nós estamos perdendo a responsabilidade com esse movimento, que ninguém não está mais querendo nada com nada".

Agora, a participação do pessoal nas reuniões não diminuiu não, o pessoal continua indo. O pessoal vai porque se sente responsável, e não porque alguém convida ou chama. A reunião fica marcada, mas ninguém estabelece quem é que deve ir àquela reunião, nem para quem é, nem para quem não é. Então quando nego chega lá, ele já se acha responsável por aquele troço. Por isso a participação não diminuiu.

Agora, o que aparece é a crítica lá dentro mesmo. Aí nego fica dizendo: "Vamos inventar uma forma da gente conversar o que a gente veio conversar, rapaz. Eu tenho coisa para colocar aqui, mas ninguém se junta, fica todo mundo aí espalhado".

Então, se continuar desse jeito, aí sim, eu acho que a participação diminui, porque nego vai se dispersar mesmo, não vem mais não. Se ninguém está dando atenção ao que ele vem colocar... Porque quando a pessoa vai a uma reunião dessa, ela tem interesse de discutir uma coisa que ela acha que deve discutir junto. E se a gente não criar uma nova forma de se juntar, de ouvir e discutir a coisa concreta, aí nego vai se desgostando: "Ah! Aquilo não é um negócio meu, não, é um negócio nosso. Porque eu vou no meu interesse de discutir uma coisa que eu tenho vontade, que eu estou querendo colocar, que pertença a gente, e ninguém não quer ouvir, ninguém não está nem aí...".

Então começou a aparecer uma nova coisa na nossa cabeça: a gente tem que criar uma outra forma de organização, criar um jeito de se organizar naquele dia que a gente passa ali que interesse a todo mundo. Agora, ninguém aceita mais nunca é que alguém venha organizar a gente, ou alguém estabeleça uma norma de organização para a gente, ou alguns de nós mesmos estabeleçam uma norma para os outros obedecerem. Ninguém aceita mais isso. A gente acha que há necessidade de uma certa organização, mas sem ser dominação e sem ser alguém que crie para impor aos outros.

E essa coisa todinha, não é só lá na reunião que a gente fica discutindo e refletindo não. É também fora, em casa, no trabalho, aquilo fica mordendo a nossa cabeça. A gente fica refletindo, refletindo a vida toda. Quando tem outra reunião, coloca aquilo que a gente vem refletindo aquele tempo todinho.

Então eu quero que a gente veja é que todo mundo precisa ter mesmo uma organização. Agora, a organização que é prejudicial é essa que vem em forma de dominar. Mas quando é uma organização que parte mesmo de uma responsabilidade da gente com aquela coisa, eu acho que há necessidade.

Você vê, todos esses movimentos que tem por aí, eu não vou dizer se é bom ou se é ruim, mas tudo é organizado. Pode olhar que tem um jeito de organizar eles. Por exemplo, carnaval, não quero nem saber se presta ou se não presta, mas o jeito de um desfile desses aí não tem uma organização? As greves não têm uma preparação muito antes, um jeito de se organizar? O meu questionamento não é se isso é certo ou errado; o negócio é que para a gente fazer as coisas, principalmente quando se trata de ser junto, de união, tem que ter uma certa preparação. Então essa preparação se chama também organização.

Nenhuma organização pode ser condenada, porque depende do jeito da gente se organizar. Se for um jeito de dominar ou de querer dominar os outros, de nego querer me mudar para eu assumir uma coisa que não fui eu que criei aquela invenção, aí sim, é errado. Mas quando a gente sente a necessidade, como nós estamos sentindo agora, aí tem que criar um novo jeito da gente se sentir melhor ali dentro para todo mundo ficar satisfeito. No nosso caso lá, a gente sente essa necessidade.

E aí fica a tal pergunta: como é que a gente consegue fazer uma coisa organizada sem ser escravizando?

Porque é a história da liberdade. Na cabeça da gente, a organização é para criar liberdade. E na reflexão que estivemos fazendo lá, a gente foi descobrindo que confunde as coisas, confunde liberdade com responsabilidade, com escravidão, com organização.

E o que está difícil é a gente encontrar o que é mesmo liberdade, o que é responsabilidade, o que é organização. A gente confunde agora porque ninguém está sabendo o que é isso, mas depois que a gente souber o que é, cada coisa tem seu lugar. Agora, enquanto nós estamos confusos nessa história todinha, a liberdade pode ser escravidão, pode ser dominação, a organização pode ser dominação também, na nossa cabeça, porque a gente está confuso.

Agora, a gente lá tem muito claro que a luta é nossa. Não é ninguém que vai chegar de fora e vai fazer a luta da gente. Uma das coisas que mais a gente batalha, mais dá discussão, é que a luta é nossa e é nós que temos que assumir esta batalha e tem que levar para frente e não acreditar em nada pronto. Porque o que vem pronto, só vem para enfeitar e atrapalhar, não vem para ajudar de jeito nenhum.

Zé — A partir da minha experiência na fábrica, eu queria colocar um outro aspecto sobre essa questão de organização.

Na construção naval, existem formas de organização muito concretas. O problema é que muitas vezes a gente não vê essa organização porque acha que ser organizado é fazer reunião com uma pauta para saber o que que vai discutir. Mas o que acontece na construção naval? Os trabalhadores são divididos por seções; e essas seções são divididas por profissão; um grupo de tantos caras de solda, tantos caras de montagem, mecânica, eletricista, carpintaria, pintura, riscadores, um punhado de coisas. Conclusão, cada um desses grupos se diferencia na forma como é imposta a eles a produção, o trabalho. É uma forma diferente inclusive de acordo com a ferramenta que o camarada trabalha com ela.

E o que acontece? Em cada lugar, não importa o tipo de serviço que o trabalhador esteja executando, ele resiste e se organiza de acordo com a forma de produção que é imposta a ele, de acordo inclusive com o instrumento de trabalho que ele utiliza. Então, uma das coisas que acontece e sempre aconteceu na construção naval, e que não é de hoje, é desde a época que apareceu a construção naval, é que a forma de organização dos trabalhadores é organização por seção, é organização por profissão. Quer dizer, é a organização formalizada por elementos que falam a mesma linguagem.

Bom, agora eu estou desempregado, mas no tempo que eu era soldador na construção naval, os problemas dos caras da minha profissão eram muito grandes. A questão da insalubridade era muito maior do que nas outras profissões, a questão da intensidade do trabalho era muito maior, e vai por aí. E era muito mais intensa também a dependência que as outras profissões tinham da nossa profissão.

Então praticamente nós éramos o elemento assim que tinha relação com todo o tipo de serviço no estaleiro.

Então a nossa profissão nos permitia uma unidade, uma identidade muito grande ao nível da discussão dos problemas. E com isso nós realmente sempre tivemos dificuldades em colocar os nossos problemas junto com os outros companheiros de outras profissões; isto é um dos limites que a divisão do trabalho coloca na gente. Agora, uma das coisas que nós sempre incentivamos para os companheiros de outras seções era exatamente que eles discutissem os seus problemas, os seus problemas em termos até de ferramentas, de intensificação do trabalho, de defesa da profissão.

Por exemplo, trabalhava um caldeireiro, um ajudante, um maçariqueiro e muitas das vezes um meio oficial junto. Aconteceu um determinado período em que a firma mandou os maçariqueiros embora e colocou o caldeireiro para assumir aquela profissão, porque o caldeireiro também sabia manejar o maçarico. Como soldadores, nós ficamos revoltados pra cacete com isso. Os maçariqueiros eram caras que tinham muitos problemas, a união deles era muito grande também. A gente tinha muita proximidade, soldadores e maçariqueiros. Mas os caldeireiros não estavam percebendo o jogo da empresa. Então começou a haver uma briga muito grande da gente com o pessoal da caldeiraria, para que eles assumissem a responsabilidade de defesa da profissão deles. Porque na medida em que eles estavam aceitando aquilo que a firma impôs, eles estavam saindo da sua profissão para assumir o trabalho de outro profissional.

Outra coisa por exemplo, era o cuidado com a questão da segurança. Essa era uma questão fundamental para nós. A nossa seção nunca teve um acidente de trabalho, pelo menos acidente de trabalho grave. Por quê? Nós considerávamos que quem fazia o papel de segurança do trabalho na nossa seção não era nem a Cipa, nem o encarregado; éramos nós. Então a gente discutia isso e inclusive conseguiu que outras seções passassem a fazer a mesma coisa.

A questão da segurança do trabalho muitas vezes passou pela discussão da hora extra. Muitos companheiros começaram a perceber a necessidade de não fazer hora extra inclusive pelo perigo do acidente de trabalho, pelo perigo de cair em problemas de saúde, e também por uma questão de dar mais assistência à família em casa. Isso tudo foram discussões que se viveu e que continuam existindo.

E essa forma como nós estivemos organizados foi a forma que fez avançar inclusive a participação coletiva nos momentos mais decisivos, como os momentos de greve, por exemplo. Quando surgia uma situação que atingia todo mundo dentro da fábrica, nós íamos nas seções onde a gente conhecia diversos caras e perguntávamos o que

o pessoal daquela seção estava achando do negócio. E aí o que estava sendo discutido numa seção passava para as outras.

Então para mim fica muito clara, fica a descoberto a questão da organização pelo menos dentro da fábrica. É organização por seção; e não organização de elementos mais “habilitados” de uma seção daqui, outros de lá, caras que “vêm mais”, caras que podem dizer quais são os objetivos que aquele movimento ali vai levar.

Quer dizer, a organização dentro da fábrica acontece na medida em que os trabalhadores discutem coisas que estão na prática do dia-a-dia deles; isso é muito tranquilo. Eu nunca tive problemas em discutir com os companheiros de trabalho, seja na porta da fábrica, em boteco, numa pelada, em qualquer lugar. Por quê? Porque eu estava falando de coisas que nós estamos vivendo juntos. Porque a prática da gente é a mesma prática. Então o que eu estava falando não tinha dificuldade de entendimento para o cara. E as coisas que o cara estava dizendo, era só eu ouvir que eu estava vendo as coisas, elas estavam correndo na minha frente.

Eu acho que as formas de organização vão sendo criadas na medida em que o relacionamento das pessoas vai avançando para analisar a sua própria realidade, a sua vida. Quando o laboratório de análise da realidade da classe trabalhadora é a vida da classe trabalhadora, esse laboratório é verdadeiramente fácil para cada um de nós. Eu digo isso porque participei algumas vezes de certas reuniões onde havia líderes, “grandes caras”, e havia também gente que não tinha nenhuma “iluminação”. E nas reuniões, muitas das vezes, teve dois tempos diferentes: um era quando esse pessoal “iluminado” estava discursando, e o outro era quando algum de nós abria a boca para falar. Então tinha um papo de discurso “alto nível”, de “articulações” e tal. E existia um outro papo que era as dificuldades, os problemas e as lutas concretas que estavam sendo vividas pelos trabalhadores no dia-a-dia.

E aí eu chamo a atenção para a alienação desse pessoal que tem o poder de chamar os outros de alienados, atrasados, desorganizados. É um pessoal alienado da realidade da vida do trabalhador. E sendo alienados dessa realidade, é claro que vão dizer à pessoa que está com problemas com o filho que o seu papel histórico está muito mais acima, tem que ser cumprido com muito mais bravura do que o seu papel de mãe, de pai, de marido, porque você está sacrificando o seu filho hoje, mas quantos e quantos filhos de outros vão viver a felicidade... Quer dizer, esse pessoal separa as coisas que, dentro da nossa vida, nós não separamos, está tudo junto, é farinha do mesmo saco e realmente não tem como separar.

Então, as formas de organização, ou são frutos da prática de vida e dos interesses que a gente vai formando, ou são coisas que vêm sufocar realmente cada um de nós.

4. UM DETERMINADO TIPO DE ORGANIZAÇÃO: SINDICATO

João — Eu queria colocar aqui um pensamento que eu tenho sobre um determinado tipo de organização: sindicato.

Já aconteceu de eu estar metido em sindicato assim de cabo a rabo, de 7 horas da manhã até meia-noite. Era reunião para cá, reunião para lá, reunião não sei para onde. E se eu tivesse três reuniões em um dia, eram as mesmas pessoas em cada reunião.

Então chegou um momento que eu percebi que esse tipo de coisa não representava nada para o grosso da categoria, para o grosso daquelas pessoas que a gente estava falando em nome delas, ou pensando que falava em nome delas... A gente estava tentando fazer as coisas por aquelas pessoas, e elas não estavam nem sabendo nem querendo saber que aquele negócio que eu estava metido existia. Uma coisa que não acontecia era os meus companheiros de trabalho discutirem sobre o sindicato. E eu passava a vida inteira discutindo sobre o sindicato!

Quer dizer, eu percebi que estava fazendo um negócio que não tinha nada a ver com as pessoas que estavam comigo, ao meu redor.

Eu estou contando isso porque esse negócio do sindicato como tal, eu pelo menos penso assim, foi uma forma que a sociedade encontrou de segurar o movimento dos trabalhadores, de regular, de fazer esse movimento obedecer a algumas regras. E essas regras, não foi o movimento que disse quais eram; quem determinou essas regras foi a sociedade. Quer dizer, o sistema capitalista tentou enquadrar o movimento dos trabalhadores em um negócio que era perfeitamente aceitável pelos patrões. Tentou fazer com que a nossa capacidade de criar formas verdadeiramente novas de organização e união ficasse sentada em um negocinho controlado pelo Ministério do Trabalho e pelos patrões, controlado só por gente que está lá em cima.

Manoel — Eu acho que muitas vezes a gente confunde as coisas e não percebe que o sindicato é uma peça do sistema capitalista, seja no Brasil, na Europa, aonde for. Não é porque aqui ele foi copiado da carta de Mussolini não, não é porque aqui o Ministério do Trabalho interfere não; tem país que o Ministério do Trabalho não interfere no sindicato. Mas é porque o papel dele é justamente esse que você falou: é um papel de regular, ser mediador nas questões do contrato da força de trabalho, do preço da mão-de-obra. Ele tem o papel de regular no máximo as condições de trabalho, quer dizer, regular em que condições o trabalho vai se sujeitar ao capital; porque o trabalho se sujeita ao capital por leis determinadas pelo estado burguês, o estado do capital.

Esse papel contratual dá ao sindicato um limite que é o seguinte: depois da negociação, feito o contrato, terminada a campanha salarial, encerrada a greve que pode até ser vitoriosa, os patrões continuam tendo poder de organizar o trabalho porque eles são os donos das empresas. Então eles sempre arranjam uma forma de se recuperar das perdas sofridas por conta de um novo contrato: intensificam o ritmo de trabalho, parcelam as profissões, adotam tecnologias novas, aumentam a vigilância sobre os trabalhadores, etc. Acontece que contra essas coisas os trabalhadores lutam cotidianamente. E o grande limite do sindicato é que ele é impotente para enfrentar esse combate que se dá dentro da empresa e que é exatamente o combate contra o cerne do poder do capital.

Em conseqüência, eu acho que uma organização sindical que queira caminhar no sentido de fortalecer o movimento dos trabalhadores, tem que reconhecer este seu limite e se subordinar às formas de organização que os trabalhadores vão criando a partir das lutas no local de trabalho.

Mas tem ainda um outro aspecto. O sindicato pode até ser combativo, assumir um enfrentamento, uma greve, isto é, pode não ser pelego, não amaciar. Mas ele tem sempre um caráter de substituir os trabalhadores. E aí é que está: na medida em que ele é um órgão que substitui os trabalhadores, ele reproduz a relação de dominação. Porque é uma substituição de poder; é aquela tal de liderança que impede que os trabalhadores criem relações diferentes na medida mesmo em que decidem e assumem seu destino.

Agora, a gente está em busca de fortalecer e viver um caminho de luta que significa combater, a toda hora e em todo canto, as relações de dominação que se instalam inclusive na nossa cabeça e na nossa prática. Então, para mim, a questão é a seguinte: é possível a gente utilizar o sindicato para fortalecer esse caminho de luta?

Vicente — Eu, por exemplo, estou em sindicato, faço até parte da diretoria. Mas eu não sou um cara sindicalista.

Eu nem participei da campanha eleitoral, não dei uma palha. Eles lá é que me botaram na suplência da chapa. E quando essa chapa venceu, teve uns problemas lá e os titulares não puderam assumir; quem assumiu foram os suplentes.

Eu não ia assumir, mas muita gente falou: “Vai entrar sim, você é um cara muito bom, com experiência, não sei o quê”. Depois foi que eu descobri que eles queriam que eu entrasse para melhorar o sindicato, já pensou? Achavam que eu é que ia fazer o sindicato bom. E eu nunca tinha entrado em sindicato, não sabia nem que diabo era esse negócio.

Na hora eu também achei que quem sabe, até alguma coisa a gente podia mesmo melhorar... Agora eu estou vendo que não tem nada disso, é apenas uma grande ilusão. Sindicato é tudo isso que vocês falaram aqui. Então não estou a fim nunca de melhorar sindicato de jeito nenhum.

Para mim tem o fato do povo sustentar o sindicato; é uma empresa sustentada pelos trabalhadores pobres, lascados, que não têm nada na vida. Sendo assim, o sindicato é deles. Então, partindo desse princípio, a única coisa que eu acho que deve ser aproveitada é fazer com que os trabalhadores vejam mesmo o que é esse sindicato que eles estão sustentando e que está chupando o sangue deles.

Você vê que o sindicato é uma ilusão na questão de justiça, por exemplo. Nunca houve questão minha em justiça; para falar a verdade, eu nunca tinha nem ido em delegacia sindical, nem nunca falei com juiz. Até agora mesmo, depois que entrei em sindicato, de setembro para cá, falei com juiz uma vez. Nunca tinha falado na minha vida. Então, esse negócio de justiça, eu não entendia. Eu via trabalhador perder questão na justiça e pensava que era sacanagem da diretoria ou do advogado do sindicato. E assim que a gente entrou no sindicato, trocamos logo o advogado, botamos outro. Mas parece que as coisas não estão melhorando de jeito nenhum nessa questão de justiça, porque realmente não existe justiça, é uma coisa que não existe.

Então o trabalhador vem com problema de terra, de rendas, essas coisas, para o sindicato resolver. Qual tem sido a nossa alternativa? Botar na justiça. Acontece que levar a questão para a justiça, o patrão dá mil graças a Deus porque a justiça é dele, o juiz é dele, a polícia é dele, tudo lá é sob o controle dele. Aí o trabalhador fica sempre na mão, não ganha nada. E muitas vezes fica dizendo que o sindicato se vendeu, não resolve nada.

Isso também me encucou no começo. Às vezes chegava um trabalhador dizendo: “A gente estava com confiança que o sindicato ia melhorar, mas está pior, ou está do mesmo jeito, não está melhorando nada”. Isso me dava uma certa agulhada, uma certa facada, sabe? Depois é que eu vim descobrir que é bom mesmo que eles vejam isso, é bom. Aí eu tento explicar a história todinha, tento explicar toda a estrutura sindical, para que que ela existe.

Então é isso que a gente está aproveitando, é fazer com que o trabalhador veja o que é mesmo o sindicato, o que é essa estrutura que tem aí. Porque os trabalhadores não têm nada a ver com o sindicato, não têm ligação nenhuma, só para pagar. Então, depois que a gente assumiu, nós fizemos uma circular esclarecendo todas essas coisas de sindicato. E tem nego lá que muitos deles já chegaram para a gente dizendo: “Rapaz, está com 10, 12 anos que eu pago sindicato

e não sabia o que era sindicato. Agora estou mais ou menos entendendo”.

E por outro lado, vamos ver se pode fazer também um trabalho de base, um trabalho aproveitando o sindicato como instrumento de discussão do trabalhador, para discutir até mesmo essas coisas que nós estamos falando aqui. A gente pensa aproveitar as delegacias sindicais como um meio para o pessoal se encontrar e discutir as coisas deles. Porque nas assembleias vão só cento e tantas pessoas, e são 20 mil associados em todo o município. É que o município é muito grande e o pessoal não tem dinheiro para transporte, é tudo muito caro; por isso vai só aquele pessoal mais vizinho da sede.

Então para mim não tem outra saída, até porque se tiver que haver alguma mudança de sistema, tem que ser os trabalhadores organizados que fazem essa mudança. O sindicato, um partido ou outra organização dessas podem ajudar. Só que não é o partido, não é o sindicato, não é a igreja, não é nada disso que vai fazer a mudança; é os trabalhadores que vão fazer. E o sindicato é um instrumento que tanto pode ser usado como pode também não ser usado.

Agora, a estrutura sindical é incrível. Para começar, o dirigente sindical começa logo saindo do trabalho. Ele tem lá um escritório, uma sede que ele fica lá dentro oito horas por dia, tem um salário de três salários mínimos, quer dizer, um salário que para nós é muito alto. E aí ele se separa dos outros trabalhadores. E como dirigente, ele vai ser respeitado, passa a ser uma grande autoridade no município; ele que nunca foi coisa nenhuma, não era nem conhecido na rua.

Eu não era nem conhecido na rua, rapaz, ninguém me conhecia. Agora estou tendo contato com delegado de polícia, tem nego que me convida para jantar, para aniversário na casa dele, para jantar em churrascaria e tal. Ficam alizando a gente para depois facilitar mais as coisas, sabe?

Então isso tudo logo separa o dirigente dos outros trabalhadores. E tem também um outro aspecto: como os trabalhadores vêm a diretoria do sindicato? Isso, rapaz, é de lascar. Nego respeita o dirigente sindical como respeita o governador. Quando vem falar com o diretor do sindicato, trata de “seu presidente”, pega na mão, “o senhor”, não sei o quê.

Então a gente lá está fazendo um esforço danado para ver se vai diminuindo isso. Para começar, logo que nós entramos fizemos uma assembleia e foi discutido o problema do salário da gente. A diretoria anterior ganhava três salários mínimos, isto é, 63 mil cruzeiros. Aí eu conversei com os outros companheiros da nova diretoria: “Rapaz, eu não tenho costume de ganhar salário, nunca recebi dinheiro. Será que dividindo esse diabo aí pelo meio ou menos do meio não dava para

a gente escapar?” Aí os outros concordaram, e abaixou para 30 mil cruzeiros. E tinha também um outro lado: aquele dinheiro, não era o governo que estava me dando não; era gente lascada igual a mim.

E outra coisa também é que eu dou expediente no sindicato mas trabalho na roça também, não deixo a roça de jeito nenhum.

Olha, sindicato é uma contradição dos diabos. Você começa a afinar a mão, a falar bonito, a querer representar trabalhador, a dizer que sou representante de trabalhador... Então lá o que a gente faz mais é dizer que não representa nada, o povo é que tem que se representar a si mesmo e pronto.

O problema é que a estrutura sindical é muito corruptora. Para começar, tem o dinheiro, depois o poder. O poder que um dirigente de sindicato tem é impressionante. Então tudo é para levar o cara a se corromper.

Tem muito nego que entra lá dentro do sindicato e não vai sair nunca. Ele se vicia naquilo ali; fica amigo das autoridades, amigo do Ministério do Trabalho, amigo de não sei mais quem, agarra viagem não sei para onde, vai representar os trabalhadores, e tudo isso vai fazendo o cara querer ficar lá dentro a vida toda.

Manoel — Quer dizer, para mim a tua referência no trabalho do sindicato é fortalecer a autonomia dos trabalhadores da tua região: autonomia diante do próprio sindicato, e também no sentido de criar formas diferentes de lutar, de se organizar, de criar liberdade como você disse.

Eu queria ver também de que outras maneiras a gente pode fortalecer isso. Por exemplo, eu participo da Oposição Sindical. E eu vou sempre vender o jornal da Oposição na frente de uma fábrica lá. E nessa fábrica tem uns três companheiros assim mais ligados com a gente.

Então, outro dia esses companheiros disseram: “Nós estamos querendo um boletim que dê uma resposta a uma tal de circular que a fábrica distribuiu avisando que o peão de macacão não pode mais usar o refeitório ‘bandeja lisa’ que é um refeitório dos mensalistas. Nós estamos querendo responder a esta circular”. Aí marcamos e o pessoal pediu para ser assim: eles iam falando e eu ia anotando. E saiu o boletim.

Mas nesse boletim, a questão do refeitório não foi colocada dentro do esquema dos boletins da Oposição e nem do sindicato muito menos. Quer dizer, você bate o olho em um boletim da Oposição e no final tem que ter sempre uma proposta. E a característica daquele boletim sobre a questão do refeitório é que, para enfrentar aquele pro-

blema, não tinha proposta. Ou melhor, a proposta dele era levantar o problema e, com isso, provocar que todo mundo na fábrica discutisse e decidisse como enfrentar a questão.

Então eu só estou citando o exemplo desse boletim para colocar o seguinte: tem uma outra forma de fazer boletim que não é a de alguns trabalhadores ficarem dizendo aos outros o que eles devem fazer. E nisso, eu posso influir.

E posso influir também para que certos companheiros que na sua seção ou na sua fábrica são assim mais ouvidos pelos outros, passem a ouvir mais e a colocar coisas que tenham a ver com as lutas e solidariedades que o pessoal está criando ali. Eu acho que isso vai ser bem mais eficaz do que aquela merda de discurso que não diz nada, fica falando em FMI, dizendo que a saída para a crise é a construção de estradas de ferro, de navios, e que isso é que dá emprego para metalúrgico, falando em nacionalismo e não sei o que mais.

E a gente pode também pôr um par de violeiros na frente de uma fábrica em São Paulo para falar de desemprego. E dentro da Oposição tem companheiros que vieram do Ceará e do Piauí, e que quando pegam uma viola saem coisas lindas. Então eu posso influir no sentido de que o verso do violeiro substitua o papel, o jornal, o discurso que não tem nada a ver.

Eu acho que a gente tem que buscar formas de influir mais no sentido de que um conjunto cada vez maior de trabalhadores passe a se expressar, criar, decidir as coisas. E dentro disso que eu vejo a questão do nosso papel, e eu acho que isso ainda não está muito claro para nós.

5. QUE TODOS VENHAM A FALAR DA SUA SABEDORIA

Zé — Hoje, quando eu pego um jornal do sindicato ou de algum outro grupo, eu fico pensando: isso aqui podia ser tão melhor! Podia ter uma utilidade de estimular uma discussão fundamental. Porque ele não coloca a questão da realidade dentro da fábrica, de como a peãozada está enfrentando um chefe, a questão do horário do café, do restaurante, do uniforme, da segurança de trabalho? Mas não, é um jornal que já vem para desestimular essas coisas que a gente está valorizando.

Será que poderia haver um jornal que contivesse essas questões? Será que as pastorais podem dar uma força ao movimento dos tra-

balhadores? Será que hoje o sindicato pode dar força para esse tipo de luta dos trabalhadores?

Claro que podem. Agora, só tem uma maneira: um sindicato, um jornal, a igreja, ou coisa parecida, só pode dar força ao movimento dos trabalhadores na medida em que deixe de lado a pretensão de ser o elemento transformador da sociedade; na medida em que dê força para que a classe trabalhadora inclusive erre no seu caminho porque o caminho não tem só acerto; e na medida em que acredite na capacidade da classe trabalhadora corrigir suas coisas.

O problema é que muitas vezes esse pessoal diz que não quer interferir de uma forma dominadora, mas na prática... Por exemplo, eu vejo que a maioria desse pessoal de sindicato, de igreja e de outros grupos, acha que a classe trabalhadora tem que ter seus líderes para conduzir seu movimento porque senão o movimento só vai dar passos muitos pequenos. A mesma coisa esses boletins que são distribuídos aos montes: a maioria deles vem com propostas dizendo o que que a classe trabalhadora deve fazer. Será que com esse tipo de prática o movimento dos trabalhadores está ganhando força? Ou está sendo tolhido?

Agora, aonde eu me disponho a dar força é no meio dos companheiros trabalhadores. Eu pessoalmente não estou envolvido nem na esfera sindical nem em outra forma de organização assim padronizada. O único lugar onde eu estou envolvido é no meio dos companheiros trabalhadores. E se companheiros que estão ligados a mim forem em uma reunião ou em uma convenção no sindicato, por exemplo, eu me disponho a ir junto e a defender essa posição e essa linha de pensamento que a gente está discutindo aqui. Inclusive eu já participei de reuniões de sindicato onde os caras do sindicato estavam querendo exatamente se apresentar como porta-vozes nossos. E foi muito simples e muito fácil mostrar para eles que o movimento da gente não precisava de condutores, nós não éramos um trem precisando de maquinistas.

Agora, qual é o meu papel no meio dos companheiros? Eu acho que é exatamente o de estimular que cada um dos caras que estão ali venha a falar da sua sabedoria. Eu não vou substituir a sabedoria deles. Por exemplo, a gente está aqui num grupo de pessoas com experiências diferentes. Como é que eu vou substituir Vicente no papel de falar da terra? Nunca, não vou conseguir. Eu posso falar uma porção de coisa que estava acontecendo no estaleiro na época em que eu trabalhava lá; e mesmo assim é uma pequena parte de coisas, eu não conheço tudo. Então o meu papel é estimular que Vicente fale a parte do que ele vive, que Manoel fale a parte do que ele vive e do que ele sente do trabalho dele e que só ele pode falar. E aí, na medida em que cada um de nós vai vendo a impor-

tância de falar das suas coisas, a nossa conversa vai ficando cada vez mais rica.

E eu acredito que da mesma forma que a gente pode falar aqui, as outras pessoas podem falar muito mais fora daqui. E na medida em que todo mundo vai falando, vai se tornar mais rica a nossa visão das coisas. Então eu acho que o papel é estimular a sabedoria, a produção do conhecimento, que não está na mão de um mas está na mão de todos.

Agora, quando eu começo a fazer um papel de substituir o teu gasto de palavras para você não falar muito, então você pode dormir aí que eu falo por nós dois. E aí meu amigo, esse é o papel do dominador.

Muita gente inclusive diz o seguinte: "Eu sou um cara confiável, um cara honesto, bem intencionado. O que eu produzo é do interesse da classe trabalhadora. Então eu sou um cara que posso ser portavoza da classe operária porque não sou pelego. Existe o cara que é pelego e eu não sou pelego, não sou um pequeno-burguês, não sou um mal intencionado nem oportunista". Mas será que existe diferença entre eu não ser oportunista de antemão, e eu fazer o papel de abafar a voz e a iniciativa dos outros por eu não ser pelego?

Para mim, a questão que está colocada é esta: é melhor que eu lidere do que o pelego lidere? É melhor que o meu grupo, que é honesto e é tudo peão de macacão, tenha o controle do movimento dos trabalhadores, do que aquele outro grupo que tem médico, tem deputado, tem padre? Ou será que nós não estamos fazendo a mesma merda? Será que eu não tenho a capacidade de ser um pelegão que vai ser ruim de me derrubar, será que não? Ou eu já nasci com um jeitinho que não vai dar para ser pelego? Eu estou lutando contra tudo o que domina a classe trabalhadora; agora será que as armas que eu vou utilizar vão fazer com que a classe trabalhadora não seja dominada nem pelo pelego nem pela minha habilidade? Ou eu estou preocupado que o pelego não domine e por isso não importa a minha forma de jogar porque a minha forma é mais honesta? O pelego também é honesto, pergunta a ele...

E tem mais. Muitas pessoas perguntam: "Porra, mas como é que nós vamos fazer, porque às vezes a gente faz um trabalho danado e aí vem um outro grupo e toma". Então toma, pô! Que merda de trabalho é esse que nós estamos fazendo que os caras ficam cheios de condição de serem manipulados? Então não é um trabalho de libertação, é novamente um trabalho de dominação. Porque para mim, a questão não é se formar um grupo para se opor a outro grupo. A questão é dar força cada vez mais ao que a classe trabalhadora produz e vai continuar produzindo em termos de sabedoria e de luta.

E isso está ligado à questão da liderança. Eu não tenho que me perguntar o que que eu vou fazer como líder. Eu tenho que me perguntar o que que eu vou fazer como operário que não estou nada satisfeito com esse sistema que está aí. E tem mais: estou desempregado, nem emprego eles estão tendo a capacidade de me oferecer. Então não dá para eu me acomodar. Se eu pudesse, as coisas mudavam daqui a 5 minutos ou menos, daqui a 5 segundos; isso pelo meu sentimento, pelo meu gosto, pela minha vontade.

Hoje, a conversa de caras que mostram sempre um entendimento e um caminho para a economia é dizer que uma saída para o Brasil é fazer coisas para exportar, ou então é construir trem, navio, estrada de ferro, porque aí vai criar empregos para a gente. Será que essa é uma proposta que a gente tem que abraçar? Ou será que nós temos que encontrar a nossa saída, que não é um emprego por mais 2 anos, mais 10 anos, mas é uma saída para a classe trabalhadora?

Agora, como é que a classe trabalhadora vai chegar a isso? É se eu tenho um papel especial, ou se eu tenho um papel comum, como um cara que não está suportando essa desgraça de vida junto com outros caras que também não estão suportando? Porque ninguém está suportando... tem muita gente metendo a cara na cachaça depois que sai do trabalho e fica enchendo o saco da mulher quando vai para casa. Tem cara aí enlouquecendo adoidado com a condição de trabalho dentro da fábrica, nem conversa com a mulher, chega em casa é só porrada. Eu chego em casa de noite, eu choro porque eu também não estou agüentando a barra, o meu sentimento não dá para continuar suportando essa miséria que está aí.

Então eu não tenho um papel especial, eu não sou mais importante. Quer dizer, é claro que a gente tem um papel, mas não somos nós que temos esse papel, são todos os trabalhadores.

Manoel — Olha, o que você coloca sobre o saber do trabalhador, eu acho que procede muito. Porque não existe ninguém na face da terra que sabe tudo e que sabe em todos os momentos; não existe ninguém.

Por exemplo, eu sou um mecânico, tenho companheiros dentro da fábrica que uns são eletricitas, outros são operadores, e vai por aí. E um companheiro que opera a máquina conhece as manhas todas daquela máquina muito mais do que eu que sou o mecânico e que vou consertar a máquina dele. E se eu for um filho da puta, se eu for um cara que tem uma relação dentro da fábrica que não tem nada a ver com aquele companheiro, ele me lasca. Se ele quiser, me lasca porque, como ele conhece as manhas da máquina, ele põe defeito, fabrica defeito, e se sai numa boa...

Isso é só para dizer o seguinte: ninguém sabe tudo, a todo momento, em todo lugar. E isso de fato tem a ver com a questão do nosso papel. Eu também acho que nós temos um papel no sentido de favorecer que o saber dos trabalhadores possa pelo menos ter espaço para ser colocado. E aí, o meu discurso não pode ser o discurso que não tem nada a ver com o que os trabalhadores estão discutindo, porque na medida em que eu discutir o FMI ou o sexo dos anjos, realmente os meus companheiros não vão ter o que falar, vão permanecer calados, até admirados, até achando bonito como às vezes acham bonito um espetáculo, uma acrobacia, uma ginástica de solo...

Eu vejo, lá tem caras que sabem utilizar a palavra, têm retórica, têm treinamento para isso, os companheiros acham bonito: "Pô, você viu aquele cara? É uma tribuna, o cara tem uma tribuna...". Mas o assunto que o cara coloca não é do universo dos trabalhadores, não é o meu universo, aquilo que eu estou vivendo, não tem a ver com a minha vida. E se não tem a ver com a minha vida, eu não tenho o que falar.

Mas na medida em que as discussões têm a ver com a nossa vida, então muito mais gente vai poder falar e colocar um conhecimento que foi aprendido com anos e anos de prática, de vivência e que, por exemplo, Vicente conhece de um jeito, eu conheço de outro; tem coisa que Vicente é doutor e eu sou o cara que tenho que balançar a cabeça e aprender mesmo.

Eu também concordo com uma outra coisa que você falou. É essa tendência de você ou o seu grupo se apresentar como alternativa ao pelego, quer dizer, como o cara que está mais próximo da verdade, até porque interpreta melhor as questões que a classe operária vive. Veja bem, é um determinado grupo que se acha mais capaz de interpretar as questões que a classe operária vive...

Agora, eu acho que há mais coisas para a gente discutir sobre essa questão do nosso papel.

João — Olha, eu queria esclarecer uma coisa. A gente falou aqui desses tipos de solidariedade que vão se criando e se fortalecendo entre os trabalhadores.

Agora, eu acho que isso não é um papel que eu determino para mim. A solidariedade acontece porque as coisas me levam a assumir esse tipo de comportamento. Não sou eu que digo: "Eu hoje decidi que vou ajudar o fulano". Não é isso, não é uma coisa que já está estabelecida. Ela existe porque as próprias condições favorecem.

Por exemplo, as próprias condições é que fazem com que, em certa hora, eu me veja obrigado a telefonar para a mãe de Ana porque há

minutos atrás a Ana tinha brigado com o chefe e a mãe tinha telefonado para ela, ela estava em prantos e a mãe ficou apavorada. Aí eu me senti na obrigação de telefonar e dizer: "Olha, a Ana agora está mais calma, foi um problema que ocorreu aqui, mas ela está melhor agora". Quer dizer, essas coisas acontecem não porque eu programei, não porque eu determinei que eu hoje vou ajudar ao fulano, eu hoje vou cumprir a minha boa ação.

Bom, isso é uma coisa. Outra coisa que eu também queria falar é que, independente da participação que a gente possa ter em sindicato, Oposição sindical ou algo parecido, e independente dessas coisas que acontecem ali no ambiente que a gente trabalha, realmente eu acho importante incentivar outras iniciativas. Eu acho que, por exemplo, um lugar hoje onde os trabalhadores desempregados possam se encontrar para pelo menos ver o cara que trabalhou com ele há não sei quanto tempo, para ele saber que apesar de tudo nós ainda estamos aqui, que a gente ainda está vivo, eu acho isso uma coisa fundamental. Inclusive me parece que hoje o problema de desemprego é a questão mais importante que os trabalhadores estão enfrentando.

6. COMO QUEBRAR O ISOLAMENTO?

Manoel — Eu queria acrescentar uma coisa que, desde o início, é a minha grande preocupação. Olha, a gente procura viver uma relação sem dominação, uma relação de igualdade e solidariedade em todas as coisas que a gente participa, no lugar onde trabalha, com a família, com os amigos.

Agora, tem o seguinte: muitas vezes, a tua participação na fábrica, no hospital, no serviço público, vai ser só a participação na tua seção. Porque não pode ser diferente, a gente trabalha isolado, as seções são isoladas, os setores do hospital são isolados, você trabalha por andar, por tipo de atendimento. Então a tua relação natural é a relação naquela seção, naquela unidade. Em alguns lugares, o isolamento não é tão grande; por exemplo, no estaleiro, na construção civil, entre os pequenos produtores do campo. Mas a maioria do mundo do trabalho, do mundo da produção, é isolada: a fábrica é isolada, a seção da gente é isolada, o hospital, a fazenda, a usina, o engenho são isolados. Mais isolado ainda é o trabalho da empregada doméstica.

Então, essa relação diferente que eu tanto quero e que eu tenho que me vigiar constantemente no sentido de não reproduzir o sistema dentro dela, corre o risco de também ficar isolada, de não ganhar a força de ser uma referência de luta para o movimento dos trabalhadores em todo o seu tamanho.

E tem mais, o desemprego hoje é um negócio real. E de repente um mundo de companheiros que participaram com a gente estão hoje fora da fábrica. Porque o capitalismo é seletivo mesmo, e na hora das demissões ele vai cortando os companheiros mais preocupados em que a luta da gente seja a expressão da nossa solidariedade, da nossa autonomia, da igualdade entre todos os trabalhadores. Porque é difícil, a todo momento e a toda hora, a gente passar despercebido diante da chefia; os chefes estão ali para vigiar todos os passos do trabalhador.

Quer dizer, o desemprego aumenta ainda mais o isolamento da gente.

Então eu tenho sim um "papel" na minha seção, no lugar onde eu trabalho. Mas eu acho que a gente tem também um papel de quebrar esse isolamento.

Não estou querendo dizer que a gente tem agora, aqui, que elaborar uma forma de quebrar com isso. Inclusive a gente aqui já apontou algumas coisas que podem facilitar. Existem outras; por exemplo, em São Paulo existem as Associações de Trabalhadores. Algumas delas deram certo e outras não deram. Mas eu acho que elas podem cumprir melhor do que estão cumprindo o papel de ser um lugar que permite que se encontrem lá trabalhadores da metalúrgica com trabalhadores do açúcar, da fiação e tecelagem, químico, empregadas domésticas, desempregados, biscateiros. Isso já acontece em parte, mas se investe pouco nessa possibilidade da Associação ser um lugar onde a gente pode encontrar trabalhadores de todas as categorias.

Então é isso. Eu acho que a gente ainda não tem muito claro para nós o que a gente pode fazer no sentido de que as coisas novas que estão sendo criadas não se percam no isolamento. Eu acho que não é para a gente inaugurar um grupo nem um movimento a mais. A minha preocupação é que as árvores e arbustos que crescem em roda da plantinha que a gente está querendo cultivar vão ser tão violentos, tão frondosos, com raízes tão fortes, que vão pelo menos dificultar o seu crescimento. A minha preocupação é que a gente possa perceber que no jardim está crescendo uma árvore diferente das outras, e que essa árvore pode crescer em outros canteiros. É essa a minha preocupação: que a gente se preocupe com os outros canteiros.

Adão — Eu acho que essa tua preocupação, que também é minha, levanta a questão do espontaneísmo: essa árvore diferente pode crescer sem a ajuda de uma vanguarda? Em nome da autonomia e do saber dos trabalhadores é possível acabar com o papel da vanguarda?

Para mim, o problema é que esse papel justifica-se na posse de um conhecimento científico que pretende dar à vanguarda a capacidade

de conhecer, por antecedência, os caminhos da transformação social. E isso significa que a vanguarda passa a ter um poder de dirigir o movimento dos trabalhadores tanto na teoria como na prática. Eu não vejo muita diferença entre esse poder da vanguarda e as relações de dominação do sistema.

Então a questão não é saber se eu sou ou não sou espontaneísta, e sim se eu sou ou não sou omisso.

Eu acho que realmente a gente estaria sendo omisso se tudo o que nós discutimos aqui se resumisse a viver uma relação existencial solidária e sem dominação entre alguns companheiros do Rio, alguns companheiros no Recife, em São Paulo, etc.

Mas não é isso. Eu não estou em busca de uma vida boa só para mim e meus amigos. Eu quero a transformação desse sistema e a gente sabe muito bem o que não quer repetir. O sentido dessa transformação está sendo apontado pelo que vem sendo criado a cada momento, em todos os lugares, pelas classes oprimidas dessa terra. E ninguém chega a perceber esse sentido a não ser por uma contínua reflexão em cima da prática.

Agora, a gente mesmo já discutiu aqui que o desenvolvimento dessas criações é golpeado fortemente pelas malhas do sistema que envolvem todo mundo, inclusive a nós mesmos. É golpeado também por organizações que pretendem transformar a sociedade mas que, na prática, acabam reproduzindo as relações de dominação.

Então fica muito claro que o caminho da transformação não é inevitável não. E aí a gente volta à tua preocupação: o que fazer para que o sentido de transformação apontando nas criações da classe trabalhadora ganhe mais força e não se perca no isolamento?

Bom, eu acho que esse sentido vai ganhando força exatamente na medida em que é vivido em todas as nossas palavras e práticas. Para mim, é o desenvolvimento dessas práticas e da reflexão em cima delas que vai mostrar as formas concretas de responder à tua preocupação.

Zé — Eu também me preocupo com essa questão do isolamento e da dispersão das coisas diferentes que vão sendo criadas pelos trabalhadores. Para mim é uma questão fundamental. Eu acho que um dos passos que a gente pode dar para responder a ela é exatamente mostrar os limites da nossa capacidade de dar respostas imediatas.

Quer dizer, uma das formas de quebrar o isolamento é justamente a gente falar como pessoas que têm uma visão sempre incompleta das coisas; na nossa visão está faltando coisa pra cacete. E se outros companheiros vierem se juntar à nossa discussão, eu acho que este será o sucesso da nossa incapacidade de ter todas as respostas.

CADERNOS DE EDUCAÇÃO POPULAR 5

Movimento dos trabalhadores: UM DEBATE

Este texto de Cadernos de Educação Popular é o resultado de um debate entre trabalhadores do Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo. A iniciativa de convidar os trabalhadores e propor o tema para o debate partiu da NOVA, que conhecia a discussão que estava sendo feita sobre o assunto, em diferentes locais, por alguns grupos de trabalhadores. No momento desse debate, alguns participantes já se conheciam, outros se encontraram pela primeira vez. Isso significa que o texto não expressa o resultado sistematizado de uma reflexão já feita e amadurecida por este grupo enquanto tal, e sim um primeiro momento dessa reflexão: os participantes buscam se reconhecer em alguma coisa comum, e formulando questões que levem ao aprofundamento de seus próprios pontos de vista. O debate não pretendeu esgotar o assunto. Ao publicar esse texto onde o movimento dos trabalhadores é discutido por trabalhadores, esperamos estar contribuindo para a reflexão dos agentes de educação popular e para a própria continuidade do debate.



ATENDEMOS PELO REEMBOLSO POSTAL

1778-7